

CATARINA VIEIRA GUEDES

**A Influência da Criatividade na Construção de Falsas
Memórias**

Orientadora: Professora Doutora Laura Alho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense

Lisboa

2017

CATARINA VIEIRA GUEDES

A Influência da Criatividade na Construção de Falsas Memórias

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Forense no Curso de Mestrado em Psicologia Forense, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, segundo o Despacho de Nomeação de Júri, n.º368/2017 com a seguinte composição de júri:

Presidente: Professora Doutora Joana Carvalho

Arguente: Professor Doutor Carlos Alberto Poiares

Orientadora: Professora Doutora Laura Alho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Dissertação em Psicologia Forense

Lisboa

2017

Epígrafe

It was one thing to get people to change a detail or two in an otherwise intact memory, but quite another to plant an entirely false memory of something that never happened.

Loftus (1999)¹

¹ Loftus, E. (1999). Lost in the mall: Misrepresentations and misunderstandings. *Ethics & Behavior*, 9(1), 51-60.

Dedicatória

*Dedico todo o meu esforço e trabalho aos que me
permitiram ser quem sou e estar onde estou.*

- Mãe e Pai.

Agradecimentos

Um obrigada muito especial à minha orientadora, Professora Doutora Laura Alho, por todo o apoio e confiança do início ao fim. Por nos fazer acreditar que somos capazes e que devemos confiar sempre em nós e no nosso trabalho.

Um grande obrigado ao Dr. Pedro Rodrigues (Universidade de Aveiro), um excelente coorientador que, mesmo à distância, sempre se mostrou disponível e interessado neste projeto.

A ti, Cátia, companheira destes dois últimos anos, um grande obrigada por todo o nosso percurso juntas. Obrigada pelas palavras de apoio quando só apetece desistir, obrigada por me tirares dúvidas quando as respostas são incertas, obrigada por teres aturado os meus dias loucos, obrigada.

Um obrigada gigante aos meus pais, ao meu irmão e ao Ricardo, porque são vocês que estão comigo todos os dias e me conhecem tão bem. Obrigada por me permitirem estar hoje aqui a escrever os “agradecimentos” da minha dissertação, obrigada.

Às melhores “amigas de infância”, Cátia e Filipa, muito obrigada pelas palavras de coragem e motivação e pelo ombro amigo. Com tão pouco dão-me tanto, obrigada.

Porque não cheguei sozinha até aqui, quero ainda agradecer às três amigas que a universidade me deu: Daniela, Inês e Dalila. Embora tenhamos seguido caminhos separados, nunca vou esquecer como eles se cruzaram.

Obrigada a todos!

Resumo

Uma das temáticas mais relevantes em contexto forense diz respeito às falsas memórias que podem ter implicações jurídicas, particularmente na recordação do crime.

Existem diversas variáveis que podem ter influência na construção de falsas memórias. Uma que não tem sido explorada na literatura é a criatividade. Sujeitos criativos podem tornar-se mais suscetíveis a recriar o evento, acrescentando ou eliminando informação. O contexto do evento, as diferenças de género, e os níveis de stresse e de ansiedade, podem também influenciar a sua recordação.

Oitenta estudantes universitários visualizaram um vídeo (crime ou neutro), preencheram questionários e escalas, e realizaram uma tarefa de evocação livre para averiguar a existência de falsas memórias. Os resultados mostram que os homens dão mais erros do que as mulheres, e que a criatividade não tem influência na quantidade e na qualidade da informação recordada, em ambas as condições, verificando-se o mesmo em relação ao stresse e ansiedade.

Palavras-chave: Psicologia Forense, memória, falsas memórias, testemunho, criatividade.

Abstract

One of the most important topics in the forensic context are the false memories, that may have legal implications, particularly in the reconstruction of the crime.

There are several variables that may influence the construction of false memories. One that has not been studied in the literature is creativity. Creative subjects may become more susceptible to re-creating the event by adding or deleting information. The context of the event, gender differences, and levels of stress and anxiety may also influence your memory.

Eighty university students watched a video (crime or neutral), filled out questionnaires and scales, and performed a free recall task to investigate the existence of false memories. The results show that men make more errors than women, and that creativity has no influence on the quantity and quality of the information remembered, in both conditions, being the same regarding stress and anxiety.

Keywords: Forensic psychology, memory, false memories, testimony, creativity.

Abreviaturas

FM – Falsa(s) memória(s)

IR – Intervalo de Retenção

TEL – Tarefa de Evocação Livre

Índice

PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
Introdução	12
1.1. Memória.....	12
1.1.1. Falsas Memórias.....	15
1.1.2. Fatores que afetam a memória	16
1.1.3. Falsas memórias e criatividade	19
1.2. Objetivo	20
PARTE II – METODOLOGIA	22
2.1. Estudos-Piloto	23
2.2. Tarefa Experimental	23
2.2.1. Participantes	23
2.2.2. Materiais.....	24
2.2.2.1. Instrumentos	24
2.2.2.2. Filmes	25
2.2.3. Procedimento experimental.....	26
2.3. Análise dos dados	28
PARTE III – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
3.1. Resultados.....	30
3.2. Discussão	35
Conclusão	42
Referências	43

Apêndices

Apêndice I – Questionários dos filmes

Anexos

Anexo I – Questionário de Auto-Avaliação (STAI)

Anexo II – Escala subjetiva de stresse (VAS)

Anexo III – Escala de Estilos de Pensar e Criar

Anexo IV – Consentimento Informado

Anexo V – Questionário sociodemográfico

Lista de figuras

Figura 1. Etapas do procedimento experimental

Lista de tabelas

Tabela 1. Percentagem de erros, acertos e “não sei’s” do questionário 1

Tabela 2. Percentagem de erros, acertos e “não sei’s” do questionário 2

Tabela 3. Percentagem de erros, acertos e “não sei’s” do questionário 3

Tabela 4. Percentagem de erros, acertos e “não sei’s” do questionário 4

PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Introdução

A aproximação entre a Psicologia e o Direito ocorreu no final do século XIX, quando se constatou a necessidade do Direito em compreender as pessoas e os seus comportamentos. Embora apresentem um desenvolvimento diferenciado, a interligação entre estas duas ciências deu origem à Psicologia Forense (Louro, 2008; Passos, 2014; Ribas, 2011). Esta área de atuação responde a questões práticas propostas por entidades diversificadas (e.g., tribunais, polícias) que têm envolvimento nos processos judiciais (Gonçalves, 2012). Dada a relevância dos depoimentos e testemunhos prestados em tribunal e a necessidade de se fazer o reconhecimento das diferenças entre verdade e mentira, surgiu a Psicologia do Testemunho (Louro, 2008; Ribas, 2011), à qual interessam todos os depoimentos dos quais possam resultar factos para a decisão judicial (Poiares, 2005).

Ao longo das últimas décadas até à atualidade, a psicologia do testemunho tem sido objeto de estudo por vários investigadores (e.g., Clifford & Bull, 1978; Loftus, 1979; Louro, 2008; Ferreira, 2016). Concretamente, em 1928, Sílvio Lima publicou a primeira dissertação de doutoramento em psicologia realizada em Portugal, tendo estudado o tema da reconhecimento (reconhecimento), processo essencial da memória humana (Pinto, 1992). Também Pessoa (1930) foi dos primeiros autores a estudar o testemunho, tendo demonstrado que os depoimentos de sujeitos que assistem ao mesmo evento podem diferir significativamente (Louro, 2008). Dos vários temas habitualmente abordados nestes estudos, destacam-se dois em particular: a avaliação da credibilidade e fiabilidade do testemunho e as falsas memórias (e.g., Ribas, 2011; Reis, 2014; Reis & Horta, 2015), sendo as falsas memórias o principal foco do presente trabalho. Para o efeito, apresenta-se seguidamente uma breve revisão da literatura sobre memória e mais concretamente sobre as falsas memórias (FM).

1.1. Memória

Os processos psicológicos básicos – sensação, percepção, atenção e memória – estão na base da elaboração dos testemunhos, podendo exercer influência na capacidade da testemunha para relatar um acontecimento. Estes processos são inerentes a todos os sujeitos e embora sejam distintos, interligam-se e influenciam-se (e.g., Alho, 2016). A presente dissertação foca-se particularmente na memória, que constitui o elemento principal no processo de uma testemunha, sendo uma das áreas centrais da investigação psicológica (Pinto, 1992). Contudo, tem sido encarada como um processo paradoxal, ou seja, por um lado é a

base do que cada sujeito é e do que experienciou na vida, por outro, é moldável, sensível às mudanças e portanto, seletivo (Schacter, 1999). Daí, focarmo-nos na importância da memória no contexto forense.

Quando um sujeito assiste a um evento (e.g., crime), passa a ser testemunha desse acontecimento. Com o objetivo de se obter informação fidedigna sobre o que aconteceu, a testemunha é convocada para prestar declarações, que podem ocorrer em duas fases do processo judicial: na polícia e durante o julgamento (Pinto, 1986). Na primeira fase, a testemunha é chamada a depor, sendo instruída a fornecer o maior número de detalhes possível do evento que testemunhou (Ribas, 2011). A “evocação livre” é uma das técnicas, usualmente utilizada pelos investigadores. O sujeito é instruído a descrever abertamente o que recorda do evento presenciado, antes de serem feitas outras questões (Lindsay, Ross, Read, & Toglia, 2007). Contudo, ao fazer a evocação do ocorrido, a testemunha, através dos processos mnésicos, relata a informação conforme a percepção que teve da realidade e conforme a interpretação que fez da mesma. Este fenómeno pode ser explicado através do entendimento da memória humana, caracterizada por três etapas fundamentais: a codificação, o armazenamento e a recuperação/evocação (e.g., Loftus & Pickrell, 1995; Loftus, 1997a; Crowder, 2014; McDermott & Roediger, 2016). A primeira diz respeito ao processo pelo qual a informação sensorial do ambiente é transformada (codificada) em representações mentais; o armazenamento refere-se à categorização das memórias de acordo com a sua modalidade (e.g., visual e auditiva) e conteúdo; já a recuperação ou evocação ocorre quando recuperamos as informações memorizadas, através de tarefas de recordação ou reconhecimento. Em contexto forense é desejável que a evocação dos acontecimentos seja objetiva, minuciosa e correta, dependendo do quão eficaz foi feita a codificação e o armazenamento dos acontecimentos (Marche, Brainerd, & Reyna, 2010; Pinto, 1992; Rocha, 2015).

Existem vários tipos de memória e especificamente em psicologia do testemunho, esta pode dividir-se em dois tipos: memória para detalhes centrais (relacionados com o ofensor) e memória para detalhes periféricos (relacionados com o cenário/ambiente circundante) (e.g., Deffenbacher, Bornstein, Penrod, & McGorty, 2004; Luna & Migueles, 2009; Barbosa, Brust-Renck, & Stein, 2014). Na memória para detalhes centrais, a identificação do ofensor é um teste de reconhecimento, através da escolha da testemunha entre várias alternativas, já a memória para os detalhes periféricos pode ser uma tarefa de recordação ou reconhecimento (e.g., Loftus, 1971; Yeghiyan & Lang, 2010).

As testemunhas oculares podem ainda ser convidadas a fazer a identificação do presumível suspeito a partir de um alinhamento policial, podendo o culpado estar presente, ou não (Pinto, 1986). A testemunha tem de afirmar se reconhece ou não o perpetrador no conjunto de indivíduos que lhe são apresentados (e.g., Brewer & Wells, 2006; 2011). Uma identificação errada do suspeito pode levar à revisão das teorias acerca da probabilidade de se tratar realmente do ofensor, ou mesmo ao questionamento da fiabilidade da testemunha, havendo a necessidade de recorrer a provas originárias de outras fontes (Brewer & Wells, 2011). Assim, uma das questões que persiste é a da fiabilidade do testemunho, uma vez que, tal como as provas físicas, também o traço mnésico pode ser contaminado, perdido ou poderá produzir resultados que podem conduzir a uma reconstrução incorreta ou imprecisa dos factos (Wells & Loftus, 2003). A fiabilidade do testemunho ocular pode assim ser afetada por dois tipos de variáveis: do sistema e estimadoras. As primeiras, tal como a designação sugere, podem ser controladas pelo sistema judicial (e.g., estrutura do alinhamento, instruções dadas antes da visualização do alinhamento, técnicas de interrogatório, entre outras). As variáveis estimadoras estão fora do controlo do sistema judicial, como por exemplo a duração da exposição do ofensor à testemunha e o tempo que esta dispôs para codificar informação relevante (e.g., como a cara do ofensor e as suas características físicas, a condição de luz da cena do crime e o intervalo de retenção (IR) que corresponde ao intervalo de tempo decorrido entre um certo evento e a recuperação da memória do mesmo) (e.g., Brewer & Wells, 2006; Deffenbacher, Bornstein, McGorty, & Penrod, 2008; Pinto, 2012; Alho et al., 2016).

Habitualmente, as testemunhas oculares prestam ainda declarações durante o julgamento (Pinto, 1986). O modo como os sujeitos prestam os seus depoimentos pode exercer influência na credibilidade atribuída às mesmas pelo juiz ou júri, dependendo do sistema judicial em que se está integrado, tendo em conta que o sistema judicial em Portugal é diferente do sistema judicial americano (Ribas, 2011). Neste sentido, é esperado que os relatos das testemunhas sejam válidos e confiáveis, pois estes têm um papel crucial no que diz respeito às decisões judiciais (Shaw & Porter, 2015). Porém, o relato dos testemunhos é frequentemente prestado em condições conhecidas como propiciadoras da produção de distorções de memória (Loftus & Palmer, 1974), como por exemplo, os longos intervalos de tempo decorridos desde o evento e a evocação das memórias, a repetição do relato do evento, as questões com perguntas sugestivas a que estão expostas, a discussão das experiências com outras testemunhas, entre outros fatores (e.g., Clarke & Milne, 2001; Schacter, Chiao, & Mitchell, 2003). Dito de outra forma, as testemunhas criam frequentemente FM, pelo que

perceber que fatores contribuem para a sua criação é fundamental para o aperfeiçoamento de técnicas do sistema e, por conseguinte, para a sua fidedignidade. Dado ser o foco principal do presente trabalho, dedicamos a secção seguinte ao tema *falsas memórias*, apresentando algumas definições e resultados de vários estudos que abordam a temática.

1.1.1. Falsas Memórias

A investigação tem demonstrado que a memória tem tendência ao erro, mediante a existência de diversos fatores que conduzem às denominadas falsas memórias (e.g., Rodrigues & Albuquerque, 2007; Santos & Stein, 2008), ou seja, recordar eventos que nunca aconteceram e que não foram realmente presenciados (Alves & Lopes, 2007). Importa referir que uma FM diferencia-se de um erro de memória. Um erro de memória caracteriza-se pelas falhas na recordação ou no reconhecimento de informação. Uma FM envolve a experiência de recordação de um evento/episódio que não ocorreu verdadeiramente, podendo ser espontânea ou implantada (Reis, 2014). Deste modo, a correspondência ou a não correspondência da informação recordada com a realidade objetiva é que determina se a memória é correta ou se constitui um erro ou uma FM (Gleaves, Smith, Butler, & Spiegel, 2004).

Desde o início dos anos 70 que a psicóloga cognitiva Elizabeth Loftus, tem vindo a estudar o tema das FM, desenvolvendo os mais diversos estudos nesta área (e.g., “misinformation effect²”; “Lost in the mall³”). Loftus mostrou que a recordação que os sujeitos têm de eventos passados pode sofrer modificações, consoante o sujeito seja exposto a informações novas e enganosas sobre os mesmos acontecimentos. Acresce, ainda, que a confirmação de outra pessoa (e.g., familiar) de que um evento aconteceu, pode levar à implantação de FM (Loftus, 1997a; 1997b). Contudo, não é só a implantação de relatos que pode levar à construção de FM. Estas podem ocorrer quando os sujeitos percecionam os eventos de forma completamente diferente do que aconteceram na realidade. Por exemplo, as memórias armazenadas podem ser influenciadas e conseqüentemente alteradas através de eventos intervenientes, nomeadamente na fase de recuperação, podendo levar a relatos pouco fidedignos dos eventos reais (Roediger & McDermott, 2000).

Segundo Hyman e Pentland (1996, p. 114), a “vida é uma experiência contínua de informação enganosa”, logo estamos constantemente a receber informação adicional sobre um evento que testemunhámos e, provavelmente, alguma desta informação poderá ser errada,

² Refere-se ao comprometimento da memória após a exposição a informações enganosas (Loftus, 2005).

³ Estudo em que um membro da família confirma que o sujeito se perdeu no Centro comercial quando era pequeno (Loftus, 1997a).

podendo ser incorporada na memória relativa ao evento original promovendo a distorção da mesma. De facto, estamos constantemente inseridos em ambientes complexos, onde alguns estímulos são relevantes para uma dada tarefa, enquanto outros são distratores ou irrelevantes, podendo influenciar o nosso desempenho cognitivo (Rodrigues & Pandeirada, 2015). Acresce ainda que a recordação que os sujeitos têm de eventos passados é uma construção influenciada pelas suas expetativas, crenças e experiências anteriores e atuais (Callegaro, 2005).

Durante os últimos anos, as FM têm sido objeto de estudo recorrente no contexto forense, isto porque podem influenciar testemunhos, que constituem meios de prova nas decisões judiciais (Shaw & Porter, 2015; Kaplan, Damme, Levine, & Loftus, 2016). Assim, é importante realçar que os traços de memória podem ser contaminados, perdidos ou até mesmo reconstruídos incorretamente, conduzindo a consequências que podem ser graves para o presumível ofensor (Reis, 2014).

1.1.2. Fatores que afetam a memória

Diversos estudos têm investigado quais os fatores que podem vulnerabilizar a memória e, por consequência, criar erros e FM (e.g., Ávila & Stein, 2006; Ribas, 2011; Neufeld, Renck, Rocha, Sossella, & Rosa, 2013; Frenda, Patihis, Loftus, & Fenn, 2014; Fundinho, 2014). Como exemplos, a história pessoal do sujeito, o meio e a cultura onde está inserido, isto porque quando um indivíduo nasce, está sujeito à influência dos hábitos culturais do seu meio. À medida que se vai desenvolvendo, o indivíduo vai sendo moldado por estes hábitos, tornando-se “produto” da cultura da sociedade. Consequentemente, o comportamento do indivíduo poderá vulnerabilizar a sua memória (Pinto, 1998). A idade da testemunha pode também conduzir a erros nos depoimentos. Mais especificamente, à medida que a idade avança, há uma diminuição progressiva da observação e pode dar-se o enfraquecimento da memória (Pessoa, 1913).

Adicionalmente, o stresse e a ansiedade a que estão expostos os sujeitos, e ainda, o género e o tipo de evento presenciado pelos mesmos (e.g., Júnior & Faria, 2015; Reis & Horta, 2015) são outros fatores habitualmente apontados na literatura como influenciadores da memória. Passamos a apresentar mais detalhadamente que tipo de influência o stresse e a ansiedade têm nos processos mnésicos.

Um evento específico pode suscitar uma resposta de stresse, caracterizada por um estado de tensão, esforço mental ou físico. A ansiedade, por sua vez, representa um estado emocional negativo de algo que ainda não aconteceu (e.g., Silva & Spielberger, 2007).

O efeito que estes fatores têm na memória permanece inconclusivo. Por um lado, estudos realizados na área do testemunho ocular (e.g., Deffenbacher et al., 2004; Morgan et al., 2007; Pozzulo, Crescini, & Panton, 2008) demonstram que níveis elevados de stresse e ansiedade provocados por acontecimentos emocionais podem influenciar a memória e, consequentemente prejudicar a recordação dos detalhes de um evento, pois apresentam efeitos negativos em tarefas de reconhecimento/identificação visual (e.g., Clifford & Hollin, 1981; Houston, Clifford, Phillips, & Memon, 2013). Quando o sujeito é exposto a situações que induzem stresse, a atividade intelectual desorganiza-se, alterando algumas funções cognitivas (Ribeiro & Marques, 2009). Deste modo, o sujeito tem tendência a fazer interpretações incertas dos acontecimentos, tendo dificuldade em tomar decisões e apresentando um aumento de ansiedade (Wolf, Atsak, Quervain, Roozendaal, & Wingenfeld, 2016). Consequentemente aumenta a dificuldade de atenção/concentração, sendo mais difícil a deteção de erros em tarefas, tanto simples, como exigentes e de estímulos circundantes, como a existência de uma arma (e.g., Loftus, Banaji, Schooler, & Foster, 1987; Steblay, 1992; Eysenck, 2014). Relativamente à memória, o sujeito apresentará dificuldades em reter informações de situações recentes, bem como na interpretação do significado dos acontecimentos (Vaz, 2009). Em contrapartida, outras investigações sugerem que estes fatores nem sempre são prejudiciais, ou seja, níveis equilibrados de stresse e de ansiedade podem fomentar a atenção e a memória, pelo menos para os detalhes centrais do evento, pois são um auxílio na tomada de decisões e na resolução de problemas, melhorando as aptidões e o desempenho nas tarefas (Easterbrook, 1959; Houston et al., 2013). O stresse apenas apresenta um impacto negativo, quando deriva de situações extremas com as quais não lidamos diariamente, por falta de recursos pessoais ou sociais (Vaz, 2009).

Relativamente ao género, esta é uma das variáveis mais importantes a analisar nos diferentes domínios da psicologia, tanto ao nível da personalidade, como das diferenças cognitivas (e.g., Cahill, 2003).

Concretamente ao seu efeito na memória, Pessoa (1913) afirma que há influências do sexo nos depoimentos dos sujeitos. Especificamente, as mulheres esquecem menos que os homens, apresentando recordações mais persistentes e depoimentos mais extensos. Uma revisão de estudos sobre a memória revela que não se pode afirmar que um dos sexos tenha uma melhor memória que o outro (Loftus et al., 1987), apenas diferem no que diz respeito ao tipo de informação lembrada, podendo esta ser classificada como central ou periférica (Saraiva et al., 2015). Os detalhes centrais envolvem qualquer elemento diretamente

associado à fonte de ativação emocional, como por exemplo, características físicas do agressor e/ou das vítimas (e.g., cor do cabelo; roupa que trazia vestida). Por sua vez, os detalhes periféricos correspondem a elementos irrelevantes que não se encontram diretamente associados ao evento que produziu ansiedade, nomeadamente detalhes do cenário ou do ambiente (e.g., havia flores, árvores, bancos de jardim) (Christianson, 1992; Loftus et al., 1987). O papel do género na precisão de detalhes recordados tem sido especulado por diferentes investigadores (e.g., Shaw & Skolnick, 1999; Eck & Thoftne, 2008). Por exemplo, Rennie (2002) demonstrou que as mulheres descrevem mais detalhes relativos a atributos dos suspeitos, como a cor da roupa e elementos envolventes, do que os homens que descrevem maioritariamente as partes faciais. Tal pode dever-se ao facto dos homens e das mulheres manifestarem interesses diferentes que podem explicar a diferenciação nas capacidades de reconhecer rostos (Rennie, 2002). À primeira vista, a capacidade humana parece ser impressionante no reconhecimento de faces. Porém, as investigações realizadas neste contexto revelam a falibilidade dos processos cognitivos (e.g., Buckout, 1974; Buckout, 1980). Estes estudos mostram ainda que o intervalo de retenção entre a ocorrência do evento e o reconhecimento não tem praticamente influências na capacidade do sujeito para reconhecer corretamente uma face (Pinto, 1986).

Por fim, no que concerne ao tipo de evento, tem-se demonstrado que nos acontecimentos emocionais (e.g., crime), os sujeitos retêm mais facilmente aspetos centrais, sendo que em eventos que não possuam carga emocional (e.g., eventos neutros), o desempenho dos sujeitos é melhor para detalhes periféricos (e.g., Yegiyan & Lang, 2010; Saraiva et al., 2015). Concretamente, eventos com cargas emocionais negativas parecem potenciar a memória desse evento, em particular para detalhes centrais, como a cara do ofensor (Houston et al., 2013), o que poderá estar relacionado com o facto de eventos emocionais receberem processamento preferencial (Wells & Olson, 2003).

Atendendo à importância das variáveis supracitadas e tendo em conta que são amplamente investigadas no contexto de FM, vamos considerá-las no nosso estudo. Contudo, dado que a criatividade pode ter um papel importante na criação de FM e sendo este um aspeto escassamente estudado nesta área, este constitui-se o principal objetivo do presente trabalho. Para o efeito, dedicamos a seguinte secção à relação entre FM e criatividade.

1.1.3. Falsas memórias e criatividade

O estudo de Ramirez e colaboradores (2013) forneceu um modelo de como as FM podem formar-se nos humanos. Para tal, o estudo consistiu na implantação de FM no hipocampo de ratos adormecidos, verificando-se que quando os animais acordavam as FM persistiam, afetando o comportamento do animal. Tonegawa (2013), um dos investigadores deste estudo, questionou se este facto não terá a ver com a criatividade, uma vez que nos pode tornar mais suscetíveis a confundir os eventos que aconteceram dos que nunca ocorreram.

Dado ser uma variável pouco explorada na literatura, mas com potencial relevância na formação de FM, perceber a relação que a criatividade tem na sua formação constitui o objetivo primordial do presente trabalho.

A investigação sobre a criatividade teve o seu grande início em 1950, quando Guilford deu uma palestra na Conferência “Creativity” (Santos, 2010). Neste trabalho, defendeu-se que a criatividade é um processo de produção divergente, presente em qualquer sujeito, sendo que as características da personalidade assumem nela um papel relevante (Almeida & Nogueira, 2016). Desde então, a criatividade tem-se demonstrado um construto importante, essencial do ser humano e de grande valor na nossa sociedade, isto porque as descobertas criativas têm um lugar marcante, no que diz respeito ao desenvolvimento das sociedades (Runco, 2004; Seabra, 2007; Tezci, Karaca, & Sezcinsoy, 2008).

Ao longo dos últimos anos, os investigadores têm demonstrado que pode haver vários tipos de criatividade, sendo definida de diversas maneiras, por diferentes autores (Gomez, 2007; Gomes, Rodrigues, & Veloso, 2016). Contudo, não há consenso quanto à sua definição, pois as conceções de criatividade são “filtradas” segundo as nossas experiências, crenças e valores, e até mesmo, pela nossa própria cultura (Oliveira, 2010a; 2012). Por exemplo, investigadores defendem que a criatividade não é a descrição do sujeito, mas sim a habilidade do mesmo em superar algo que já existe, criando produtos ou ideias novas (e.g., Dias & Moura, 2007; Hennessey & Amabile, 2010). Em contrapartida, há quem defenda que este construto é parte essencial da natureza humana, sendo necessário para a produção humana e crescimento dos sujeitos. De acordo com Alencar (2007), todas as pessoas são potencialmente criativas, não obstante, esta pode ser estimulada e exercitada através de técnicas e estratégias de pensamento, potenciando o desenvolvimento do potencial criativo (e.g., Alencar & Fleith, 2003).

Esta aptidão presente em cada sujeito (embora de maneiras diferentes) é um requisito essencial do aspeto social que em conjunto com a sua vida pessoal pode proporcionar

autorrealização e satisfação com a vida (Tezci et al., 2008). O desenvolvimento deste constructo não ocorre de maneira semelhante em todos os sujeitos, pois pode ser influenciado pela cultura, depender das pessoas e dos seus elementos constituintes e das situações (Oliveira, 2010b). Embora não seja um construto consensual, algumas características podem ser apontadas; Seguidamente exploramos algumas delas.

É possível salientar algumas das características associadas à criatividade e aos sujeitos criativos, tais como: a introversão, a flexibilidade comportamental, o pensamento divergente, a curiosidade, a autonomia, a abertura a experiências, a fluência de ideias e flexibilidade de pensamento, a motivação intrínseca, a autorrealização e perseverança, a capacidade de absorver imagens, podendo até haver propensão para a psicose e neurose (Alencar & Fleith, 2003; Clarkson, 2005; Rato, 2009). Sem a avaliação da criatividade, torna-se impossível a sua compreensão e a promoção.

No início do Século XX, foram realizadas as primeiras experiências de avaliação da criatividade, com recurso a composições escritas, construção de novas palavras ou analogias, entre outras. Desde então foram surgindo múltiplas propostas de avaliação da criatividade, existindo mais de 100 instrumentos de avaliação, de que são exemplos: Wallach & Kogan Test (1965), Structure of the Intellect Test (Guilford, 1967) e as provas de Avaliação de Realização Cognitiva (PARC) criadas por Ribeiro (1993) (Morais & Azevedo, 2009). A medida de criatividade mais divulgada e estudada em todo o mundo é a bateria de testes de Torrance (TTCT – *Torrance's Tests of Creative Thinking*) (Bahia, 2007). Esta medida permite identificar as competências criativas dos sujeitos, através de atividades simples que envolvem estruturas complexas de pensamento (Torrance Center Portugal [TCP], 2001). Em Portugal, destaca-se o uso da Escala de Estilos de Pensar e Criar (Garcês, 2011), que decidimos usar no presente estudo, pois apresenta boas características psicométricas e cuja descrição apresentamos mais à frente. De referir que a utilização desta medida no contexto forense apresenta um carácter inovador.

1.2. Objetivo

O presente estudo debruça-se sobre o tema das FM e dos erros de memória, um dos tópicos centrais em pesquisas sobre a memória, especificamente no contexto forense.

A investigação pretende contribuir para a literatura acerca da influência das características da testemunha, mais especificamente a sua criatividade na evocação de informação relativa a um evento específico. Adicionalmente pretende-se explorar o papel do

stress, da ansiedade, do tipo de evento e as diferenças de género na evocação da informação. Visto que todas as variáveis referidas anteriormente diferem de pessoa para pessoa, consequentemente este facto irá refletir-se no testemunho de cada um, pelo que a informação destas diferenças poderá ajudar à obtenção de informação mais consistente e precisa sobre um determinado acontecimento, alertando para as fragilidades da memória e de que forma poderão ser minimizadas.

Ao desenvolver este estudo é expectável que a criatividade possa ter influência quer no número de erros de memória, quer na construção de FM, isto porque diversos autores acreditam que uma pessoa criativa apresenta características específicas, nomeadamente pensamento original e inovador, fantasia e imaginação, ideias elaboradas e enriquecidas, impulsividade e espontaneidade, entre outras (e.g., Fasko, 2001; Alencar & Fleith, 2003; Stenberg, 2006). Deste modo, espera-se que os participantes com índices de criatividade mais elevados tenham mais erros de memória e criem mais FM.

É também esperado que as variáveis stress, ansiedade, género e tipo de crime revelem influências no contexto das FM. Em relação ao stress e à ansiedade, espera-se que tenham influência na medida em que podem ou dificultar as recordações dos sujeitos (e.g., Wolf et al., 2016) ou facilitar a sua evocação (Houston et al., 2013). Homens e mulheres podem revelar diferenças relativamente ao tipo de informação lembrada – central ou periférica. Surge a hipótese de que um género tem tendência para relembrar mais facilmente um certo tipo de informação do que o outro, mais especificamente, os homens têm tendência para relembrar mais detalhes centrais, e as mulheres relembram mais detalhes periféricos (Loftus et al., 1987; Eck & Thoftne, 2008). O tipo de crime pode levar os sujeitos a melhores ou piores desempenhos relativamente aos detalhes recordados, na medida em que se tem demonstrado que eventos com maior carga emocional levam o sujeito a recordar melhor detalhes centrais, enquanto em eventos que não possuam carga emocional, os sujeitos recordam melhor detalhes periféricos (e.g., Saraiva et al., 2015).

PARTE II – METODOLOGIA

2.1. Estudos-Piloto

A presente investigação teve uma fase prévia adjacente, na qual foram realizados três estudos-pilotos distintos, necessários para a realização da tarefa experimental: 1) seleção de filmes de crime e filmes neutros; 2) criação de questões indutoras de erros; 3) estudo para testar todos os procedimentos.

Num primeiro momento foi realizado um estudo-piloto para seleção dos filmes que foram utilizados na investigação. Com recurso ao estudo de Alho e colaboradores (2014), dos dez filmes usados no estudo original, foram selecionados quatro filmes reais, dois de crime e dois neutros. A seleção dos filmes foi feita por um painel de dez avaliadores independentes: cinco homens com idades compreendidas entre os 30 e os 31 ($M = 24,5$; $DP = 2,8$) e cinco mulheres, com idades compreendidas entre os 19 e os 30 anos ($M = 25,2$; $DP = 3,1$) que os avaliaram em escalas de tipo Likert nos seguintes parâmetros: vividez, ativação geral e agradabilidade (e.g., Alho et al., 2014; 2016).

Posteriormente foi desenvolvido um segundo estudo-piloto para a criação das questões representativas de cada filme, por um painel de dez avaliadores independentes: cinco homens com idades compreendidas entre os 19 e os 28 anos ($M = 24,2$; $DP = 2,6$) e cinco mulheres, com idades compreendidas entre os 19 e os 32 anos ($M = 26,2$; $DP = 4,1$). Assim, foram desenvolvidos quatro questionários diferentes, cada um com seis questões, às quais os participantes deveriam responder “Sim”, “Não” ou “Não sei” (Ver Apêndice I).

Por fim, antes de se iniciar a experiência propriamente dita foi realizado um terceiro teste-piloto com três participantes, de modo a verificar todos os procedimentos e corrigir eventuais erros que pudessem surgir no decorrer da experiência.

2.2. Tarefa Experimental

2.2.1. Participantes

A amostra final inicial foi composta por 82 estudantes universitários do Porto, Coimbra, Aveiro e Lisboa. No entanto, dois foram excluídos pois verificou-se que a tarefa experimental de ambos estava incompleta. Dos 80 participantes, 40 são do sexo masculino, apresentando idades entre os 18 e os 58 anos ($M = 23,27$; $DP = 6,18$) e 40 do sexo feminino com idades compreendidas entre os 18 e os 42 anos ($M = 21,97$; $DP = 4,31$).

Uma vez que a tarefa pressupunha a visualização de um vídeo em computador e o preenchimento de questionários e escalas, um dos critérios de inclusão era os participantes não apresentarem qualquer problema visual, ou caso apresentassem que estivesse tratado/corrigido.

2.2.2. Materiais

2.2.2.1. Instrumentos

Os questionários/escalas facultados aos participantes foram os seguintes: 1) Questionário sociodemográfico; 2) STAI (ansiedade-estado e traço); 3) VAS (nível de stresse); 4) Escala de Estilos de Pensar e Criar (criatividade); 5) Questionário representativo de cada filme. Apenas a Escala VAS foi fornecida em papel, os restantes instrumentos encontravam-se na plataforma Google Formulários.

Escala de Ansiedade Estado-Traço (STAI-1 e STAI-2) e Escala de Stress (VAS)

Para avaliar os níveis de ansiedade foi usado o STAI (*State-Trait Anxiety Inventory*; Spielberger, 1983) e para avaliar os níveis de stresse foi utilizada a VAS (*Visual Analogue Scale*; Kertzman et al., 2004).

O questionário de ansiedade (STAI) é composto por dois subtestes: STAI-Y1 que corresponde à ansiedade-estado (como o sujeito se sente no momento) e STAI-Y2 que equivale à ansiedade-traço (como o sujeito se sente habitualmente), sendo cada um composto por 20 itens (no Anexo I apresentamos alguns exemplos da escala). No que diz respeito à cotação da escala, cada item é cotado de 1 (*nada*) a 4 (*muito*). Uma pontuação de 4 indica a presença de um alto nível de ansiedade em dez dos itens da ansiedade-estado e em onze dos itens da ansiedade-traço (e.g., “Sinto-me perturbado”). Uma pontuação alta indica a ausência de ansiedade nos restantes 19 itens da ansiedade-estado e traço (e.g., “Sinto-me descontraído”).

A escala de stresse (VAS) consiste numa escala que varia de 0 (*nada stressado*) a 10 (*muito stressado*), na qual o sujeito deve assinalar com um traço o nível de stresse que sente naquele exato momento (Ver Anexo II). Os níveis devem ser medidos com uma régua.

Tanto o STAI como a VAS permitiram averiguar e comparar os níveis de ansiedade e stresse em três momentos diferentes do estudo: antes e após a visualização do filme, e ainda, no final da tarefa experimental, para evitar que o participante saísse do laboratório em distresse.

Escala de Estilos de Pensar e Criar

A investigação centrada na criatividade conduziu ao desenvolvimento dos estilos de pensar e criar (Wechsler, 2006) e, consequentemente à criação da Escala de Estilos de Pensar

e Criar, agora adaptada para a população portuguesa (Garcês, 2011) (no Anexo III apresentamos alguns exemplos da escala). A utilização desta escala no presente estudo é importante, pois esta pretende interpretar os estilos dos sujeitos, fornecendo informações relevantes sobre os seus modos de agir e criar (Garcês, 2011).

Com o principal objetivo de avaliar os estilos de pensar e criar de jovens e adultos, em 2006, Wechsler criou o instrumento, designado “Escala de Estilos de Pensar e Criar”, composto por 100 itens e que se proponha a avaliar 25 dimensões relativas a características criativas, de natureza cognitiva e afetiva. Cada uma das dimensões era composta por quatro itens. A Escala era de tipo Likert de 6 pontos e variava de “*Discordo totalmente*” a “*Concordo totalmente*”.

Em 2011, Garcês desenvolveu um estudo com o principal objetivo de validar e adaptar a Escala de Estilos de Pensar e Criar para a população portuguesa. Nesse sentido, a escala original de Wechsler sofreu algumas alterações, nomeadamente na modificação e reorganização de certas palavras e frases e na alteração das opções de resposta, passando de seis para cinco opções.

Realizadas as análises fatoriais e todos os procedimentos estatísticos, a versão final da escala é constituída por 49 itens (alpha de Cronbach de 0.91), cada item com cinco opções de resposta (*Discordo totalmente*; *Discordo*; *Nem Discordo/Nem Concordo*; *Concordo*; *Concordo totalmente*). Os itens da escala agrupam-se em cinco fatores de primeira ordem: Fator 1 – inconformista/transformador (sujeitos dinâmicos que optam por tarefas inovadoras e em mudança constante); Fator 2 – emocional/intuitivo (sujeitos que seguem as suas emoções e intuições para tomar decisões); Fator 3 – relacional/divergente (sujeitos que respeitam e dão valor às opiniões dos outros, sendo fácil trabalhar com eles); Fator 4 – independência de julgamento (sujeitos que refletem de forma profunda antes de tomar qualquer decisão); e, Fator 5 – lógico/objetivo (sujeitos racionais que dão preferência a tarefas estruturadas, baseadas em factos) (Wechsler, 2006; Godoy & Noronha, 2010; Almeida & Nogueira, 2016).

A pontuação total da escala corresponde ao número total de itens a multiplicar pela cotação de cada um, ou seja, 245 pontos. Já as pontuações de cada fator diferem consoante o número de itens de cada um.

2.2.2.2. Filmes

Além dos instrumentos referidos anteriormente, foram utilizados quatro filmes reais – dois de cenas de crime e dois de cenas neutras.

As situações selecionadas envolvendo cenas de crime estão enquadradas no Código Penal Português e incluíam: roubo com tomada de refém (filme de um assalto a uma loja de rua em que um homem usa arma branca contra uma mulher, acabando por ser baleado mortalmente pela polícia – Filme 1) e violência doméstica (filme de um homem a espancar uma mulher dentro de um carro – Filme 2). É de salientar que os filmes de crime apresentam ambos perpetradores homens e vítimas do sexo feminino.

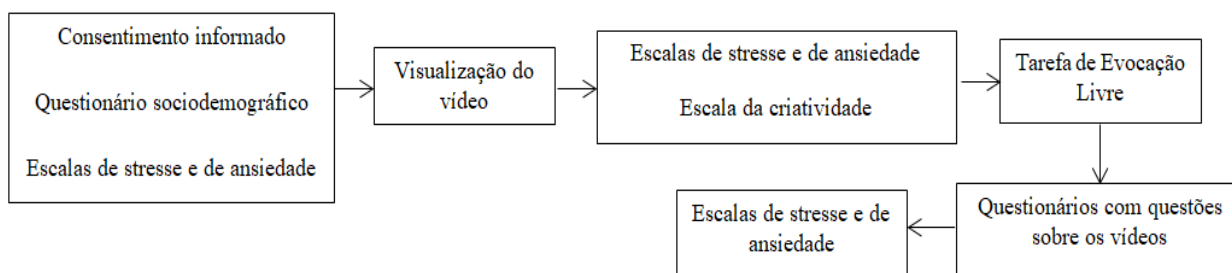
Os filmes com cenas neutras representam situações do quotidiano: um casal a passear na praia ao fim de tarde à beira-mar (Filme 3) e uma equipa de fotógrafos a trabalharem numa cidade histórica (Filme 4). Em ambos também há um homem e uma mulher na cena.

As cenas foram captadas por câmaras profissionais e/ou amadoras. A duração média de cada filme é de cerca de 1 minuto. A resolução dos filmes e o volume do som foram sempre os mesmos para cada participante, sendo utilizados auscultadores durante a visualização dos mesmos. Ao fornecer pistas visuais e auditivas, através dos vídeos, a carga emocional dos filmes era maximizada/ aumentada.

2.2.3. Procedimento experimental

O estudo foi desenvolvido no Laboratório de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. O procedimento envolveu seis etapas, descritas em seguida.

Figura 1. Etapas do procedimento experimental



A experiência iniciou-se assim que os participantes foram informados sobre o estudo em que iriam participar, tendo acesso em papel ao consentimento informado, onde se encontravam descritos os objetivos e principais informações sobre a investigação. Os sujeitos foram ainda informados de que a sua participação era voluntária e que podiam desistir a qualquer momento (Ver Anexo IV). Em seguida foi-lhes pedido que preenchessem os seus dados sociodemográficos na plataforma Google Formulários, onde constavam informações como o género, a idade, o estado civil, o estabelecimento de ensino, o curso e o ano, e ainda,

se apresentavam algum problema visual e, caso existisse, se estava a ser corrigido (ver Anexo V).

Imediatamente a seguir, os participantes foram solicitados a preencher a escala de stresse (VAS) em papel, na qual assinalavam o seu nível de stresse naquele momento, de 0 (*nada stressado*) a 10 (*muito stressado*), assim como a escala de ansiedade (STAI), composta por dois subtestes (STAI-1 e STAI-2).

Posteriormente ao preenchimento das escalas foi apresentado a cada participante um vídeo que poderia ser de uma cena de crime (Filme 1 ou 2) ou de uma situação neutra (Filme 3 ou 4). Tendo o estudo um *design* intersujeitos, cada participante visualizou apenas um vídeo, tendo sido distribuídos aleatoriamente pelas duas condições. Os filmes foram visualizados num monitor de computador (HP Pavilion Notebook, 15.6 polegadas) e os participantes usaram auscultadores para aumentar o seu nível de concentração, evitando que eventuais ruídos interferissem com a tarefa.

Terminada a apresentação do vídeo, foi realizado um IR de quinze minutos, durante o qual os participantes preencheram três medidas: as escalas de stresse e de ansiedade, de modo a analisar/comparar os níveis das referentes variáveis, antes e depois da visualização dos filmes, e ainda, a escala da criatividade – Escala de Estilos de Pensar e Criar. À semelhança do que acontece em estudos desta natureza (e.g., Alho et al., 2014) é fundamental existir um IR, para que se analise se a passagem do tempo tem influências no desempenho das tarefas, neste caso específico, ao relembrar o conteúdo do filme.

Após o IR, solicitou-se aos participantes que descrevessem em papel o que recordavam do filme, sendo esta tarefa designada “Tarefa de Evocação Livre” (TEL). Por norma, em estudos nesta área é frequente o recurso a esta tarefa, pois permite aos sujeitos relatar todos os detalhes que se recordam dos eventos, e neste caso, dos filmes a que assistiram (e.g., Bodner, Musch, & Azad, 2009; Houston et al., 2013). Para que se pudesse fazer análises a respeito da quantidade e precisão dos detalhes recordados pelos participantes, os investigadores do presente estudo realizaram uma matriz com os detalhes centrais e periféricos de cada vídeo.

Após a TEL foi pedido aos participantes para preencherem um questionário com questões sobre os respetivos filmes, com intuito de determinar a existência, ou não, de erros de memória, em ambos os contextos (crime e neutro). Para cada vídeo foram realizadas seis questões, sendo que numa questão existia informação enganosa. Como referenciado na revisão de literatura, o efeito da desinformação pode contaminar a memória do evento, de

forma intencional e, como consequência, aumentar os erros de memória. As restantes questões não têm informação enganosa e, portanto, só avaliam os erros espontâneos. Por fim, e à semelhança do que foi referido anteriormente, os participantes voltaram a preencher a VAS e o STAI-1 e STAI-2, para comparações entre os níveis de stresse e ansiedade antes, durante e após a tarefa.

Em média cada participante demorou cerca de 25/30 minutos a completar a experiência.

2.3. Análise dos dados

Para a realização das análises estatísticas foi usado o IBM SPSS Statistics 22. As análises realizadas foram testes Qui-quadrado, testes *t-student* independentes e emparelhados, correlações de *Pearson* e ANOVA's.

PARTE III – RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Resultados

3.1.1. Criatividade

De acordo com o artigo de Nakano e colaboradores (2010) para cada um dos cinco fatores da escala há uma cotação específica, sendo cada item pontuado de 1 (*discordo totalmente*) a 5 (*concordo totalmente*). Neste sentido, a cotação para cada fator é a seguinte: estilo inconformista transformador (11 itens – 11 a 55 pontos); estilo emocional/ intuitivo (15 itens – 15 a 75 pontos); estilo relacional/divergente (9 itens – 9 a 45 pontos); estilo independência de julgamento (7 itens – 7 a 35 pontos); e estilo lógico/objetivo (7 itens – 7 a 35 pontos). A pontuação total da escala é igual ao número total de itens (49 itens) a multiplicar pela pontuação de cada um (5 pontos), ou seja, a pontuação total da escala é de 245 pontos. Os participantes foram divididos em dois grupos (os mais criativos e os menos criativos), mediante a cotação obtida para cada um. A ideia foi que os sujeitos que tivessem um score abaixo de 122,5 pontos (ponto de corte; percentil 50) seriam os menos criativos e os que ficavam acima deste valor seriam os mais criativos. Porém esta divisão não foi possível, uma vez que a média dos scores foi de 190 pontos, o que nos indica que os participantes desta amostra obtiveram elevadas cotações na escala aplicada.

Como alternativa, cada fator da escala foi analisado individualmente, com o intuito de se verificar a existência de correlações entre cada fator e as variáveis género, desempenho nos questionários sobre os filmes e na TEL (para detalhes centrais e detalhes periféricos, separadamente).

Os resultados revelaram a não existência de correlações significativas entre os fatores da escala e os detalhes centrais e periféricos da TEL ($p > .369$). O mesmo procedimento foi feito para as questões indutoras de erros. À semelhança dos resultados anteriores, não se verificaram correlações estatisticamente significativas ($p > .228$). Assim, podemos concluir que a criatividade não tem influência na quantidade de erros nos questionários sobre os filmes (quer nas questões sem informação enganosa, quer nas questões com informação enganosa) e na TEL (quer para os detalhes centrais, quer para os periféricos). Porém, observou-se uma interação marginalmente significativa entre o género e os detalhes periféricos ($p = .05$) no fator 5 – estilo lógico/objetivo. Em relação ao tipo de crime, não existem diferenças estatisticamente significativas, $p \geq .05$.

3.1.2. Stresse, ansiedade-estado e ansiedade-traço

No que diz respeito aos níveis de stresse foi feita uma ANOVA de medidas repetidas, verificando-se uma interação entre o stresse (avaliado nos três momentos) e a natureza dos filmes (crime e neutra), $F(2,156) = 10.57$; $p < .001$. Como se verificou a interação foram realizados testes *t-student* emparelhados para comparar as médias do stresse em cada condição. Os testes foram agrupados em três grupos: 1) stresse inicial & stresse pós-filme; 2) stresse pós-filme & stresse final; 3) stresse inicial & stresse final. Na condição crime verificámos que o stresse pós-filme foi superior ($M = 2,98$; $DP = 2,81$) ao stresse inicial ($M = 1,74$; $DP = 2,24$), sendo a diferença estatisticamente significativa, $t(39) = -3,76$; $p = .001$. Também entre os valores do stresse inicial ($M = 1,74$; $DP = 2,24$) e stresse final ($M = 2,44$; $DP = 2,41$) se verificou um aumento, $t(39) = -3,73$; $p = .001$, sendo esta diferença estatisticamente significativa. Em relação à condição neutra, verificou-se apenas uma diferença marginalmente significativa entre o stresse inicial ($M = 2,20$; $DP = 2,54$) e o stresse final ($M = 1,77$; $DP = 2,02$), $t(39) = 2,03$; $p = .05$, tendo os valores diminuído.

O mesmo procedimento foi feito para a variável ansiedade-estado e ansiedade-traço. Fazendo uma ANOVA de medidas repetidas para a ansiedade-estado verificou-se uma interação entre ansiedade-estado (avaliada nos três momentos) e a natureza dos filmes (crime e neutra), $F(2,156) = 3,323$; $p = .04$. De seguida foram realizados testes *t-student* emparelhados entre os valores de ansiedade avaliados nos três momentos. Na condição crime, apenas se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre a ansiedade-estado inicial ($M = 33,88$; $DP = 7,80$) e a ansiedade-estado pós-filme ($M = 37,58$; $DP = 9,91$), $t(39) = -3,37$; $p = .002$. Em relação à condição neutra, não houve diferenças estatisticamente significativas nos três momentos avaliados de ansiedade-estado ($p \geq .05$).

Relativamente à ansiedade-traço, não se verificou uma interação significativa entre a variável e a natureza dos filmes ($p \geq .05$).

Em seguida foram feitas correlações de *pearson* entre os momentos de stresse pós-filme e final e os erros de memória (i.e., questões para cada filme), verificando-se que não há significância em nenhuma das correlações ($p > .536$). Na ansiedade-estado observámos resultados similares ($p > .123$); o mesmo padrão foi registado na ansiedade-traço ($p > .709$). Logo, pode concluir-se que não existe influência do stresse e da ansiedade no desempenho dos participantes.

3.1.3. Tarefa de Evocação Livre

Para comparar os detalhes centrais e periféricos nas duas condições entre as respostas dadas pelos participantes e a matriz de detalhes feita pelos investigadores recorreu-se a testes *t-student* independentes. Nos detalhes centrais da condição crime, verificou-se uma diferença estatisticamente significativa entre as respostas dos sujeitos ($M = 3,78$; $DP = 2,14$) e a matriz ($M = 17,50$; $DP = 0,51$), $t(78) = 4,08$; $p < .001$. Resultados similares foram verificados na condição neutra, existindo uma diferença estatisticamente significativa entre as respostas dos participantes ($M = 2,09$; $DP = 1,51$) e a nossa matriz ($M = 14,50$; $DP = 0,51$), $t(78) = 24,50$; $p < .001$. No que toca aos detalhes periféricos não se registaram diferenças estatisticamente significativas entre as respostas e a matriz ($p > .05$).

3.1.3.1. Tipo de crime e Género x Detalhes centrais e periféricos

Foram realizados testes *t-student* para comparar as médias entre as condições crime e neutra na recordação de detalhes centrais e periféricos. Na condição crime ($M = 3,78$; $DP = 2,14$), verificou-se um maior número de detalhes centrais recordados do que na condição neutra ($M = 2,09$; $DP = 1,51$), sendo esta diferença estatisticamente significativa, $t(78) = 4,076$; $p < .001$. Em contrapartida, em relação aos detalhes periféricos, verificou-se um maior número de detalhes recordados na condição neutra; Contudo, esta comparação não se revelou estatisticamente significativa, $p \geq .05$.

Tendo em conta as duas condições (crime e neutra) foram realizados novos testes *t-student* para comparar as diferenças de género relativamente à quantidade de detalhes centrais e periféricos. Na condição crime não se verificaram diferenças significativas entre géneros na recordação de detalhes centrais e periféricos ($p \geq .05$). Já na condição neutra, observou-se uma diferença marginalmente significativa na recordação de detalhes periféricos, sendo que as mulheres recordaram um maior número de detalhes em relação aos homens ($p = .05$). Tendo em conta a interação que se observou entre o género e os detalhes periféricos no fator 5 da escala da criatividade (fator lógico/objetivo), podemos constatar que as mulheres foram mais objetivas e apresentaram raciocínio mais lógico em comparação com os homens.

3.1.4. Questões dos filmes

Relativamente aos questionários dos filmes, cada um foi composto por seis questões: cinco questões sem informações enganosas e uma questão-chave que continha informação enganosa, de modo a induzir erro mnésico.

No Filme 1, a questão enganosa era a #6; nos filmes 2, 3 e 4, as questões enganosas eram a #4 (assinaladas com “#” e a cor nas tabelas seguintes).

Tabela 1. Percentagem de erros, acertos e “não sei’s” do questionário 1

Filme 1/ questões	% de erros	% de acertos	% de “não sei’s”
Q1	15%	80%	5%
Q2	0%	90%	10%
Q3	25%	50%	25%
Q4	40%	30%	30%
Q5	20%	60%	20%
Q6 [#]	30%	15%	55%

Legenda 1. “#” corresponde à questão com informação enganosa.

No filme 1, a questão #6 continha informação enganosa para induzir a um erro nos participantes (Q6. “Existia uma câmara por trás do ofensor?”). No entanto, e como se pode verificar na Tabela 1, esta não foi a questão com maior número de erros (30%), tendo apresentado somente um maior número de respostas “não sei” (55%) relativamente às outras questões. Em termos de acertos foi a questão que apresentou um valor mais baixo (15%). A questão com maior número de erros espontâneos foi a #4 (40%).

Tabela 2. Percentagem de erros, acertos e “não sei’s” do questionário 2

Filme 2/ questões	% de erros	% de acertos	% de “não sei’s”
Q1	30%	60%	10%
Q2	10%	45%	45%
Q3	5%	65%	30%
Q4 [#]	30%	45%	25%
Q5	30%	65%	5%
Q6	30%	55%	15%

No filme 2, a questão com informação enganosa era a #4 (Q4. “Existiam várias pessoas a observar a cena de violação?”), mas esta teve o mesmo número de erros que outras questões (30%), apresentando poucas respostas “não sei” (25%) em relação às outras perguntas.

Tabela 3. Percentagem de erros, acertos e “não sei’s” do questionário 3

Filme 3/ questões	% de erros	% de acertos	% de “não sei’s”
Q1	5%	65%	30%
Q2	35%	15%	50%
Q3	5%	95%	0%
Q4 [#]	15%	45%	40%
Q5	5%	35%	60%
Q6	40%	50%	10%

No filme 3, a questão feita para induzir erro mnésico era a #4 (Q4. “A t-shirt do homem era verde seco?”), no entanto não foi a questão com maior percentagem de erros (15%), nem respostas “não sei” (40%). A questão que apresentou um valor mais elevado de erros espontâneos foi a #6 (40%).

Tabela 4. Percentagem de erros, acertos e “não sei’s” do questionário 4

Filme 4/ questões	% de erros	% de acertos	% de “não sei’s”
Q1	20%	75%	5%
Q2	10%	60%	30%
Q3	25%	45%	30%
Q4 [#]	15%	70%	15%
Q5	30%	30%	40%
Q6	5%	30%	65%

No filme 4, a questão com informação enganosa era a #4 (Q4. “Existem quatro pessoas na cena?”). No entanto, não foi a questão que apresentou um maior número de erros (15%), nem de respostas “não sei” (15%). A questão com maior percentagem de erros espontâneos foi a #5 (30%).

De um modo geral, podemos concluir que as questões com informação enganosa tiveram menos erros do que as perguntas sem informação enganosa. As respostas “não sei”, acabaram por dar liberdade aos sujeitos de não ter de dar uma resposta errada. Contudo,

somente na questão #6 (com informação enganosa) do questionário 1 se verificou uma percentagem maior de “não sei’s”, relativamente às outras questões enganosas.

3.1.4.1. Erros de memória (espontâneos vs. induzidos)

Os erros de memória (espontâneos vs. induzidos) foram avaliados pelos questionários apresentados para cada filme. Para se averiguar qual a relação entre a natureza dos filmes (crime e neutra) no que toca às respostas dadas pelos participantes, contabilizou-se em primeiro lugar o número de casos válidos (erros vs. acertos). Dos 80, verificaram-se 69 casos válidos, uma vez que 11 deram respostas “não sei”. Foram realizados testes qui-quadrado por condição para os erros de memória (espontâneos ou induzidos). Relativamente às questões com informação enganosa, os resultados obtidos permitiram verificar que na condição crime (filme 1 e 2) os sujeitos deram mais erros do que na condição neutra (filme 3 e 4), sendo esta diferença estatisticamente significativa, $\chi^2(2) = 6,109$; $p = .047$.

Posteriormente foi feito um teste qui-quadrado por condição, em função do género, para as questões com informação enganosa. Na condição crime, foi possível verificar que os homens dão mais erros do que as mulheres, e esta diferença é estatisticamente significativa, $\chi^2(2) = 6,627$; $p = .036$. Relativamente à condição neutra, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas no desempenho entre géneros, $p \geq .05$.

A mesma análise foi realizada, em função da condição, para as questões sem informação enganosa. Os resultados mostram que não há diferenças estatisticamente significativas no número de erros espontâneos entre as duas condições, $p \geq .05$. Finalmente foi realizado um teste qui-quadrado em função do género, tendo-se verificado diferenças estatisticamente significativas no desempenho de homens e mulheres entre as duas condições, $p \leq .05$. De um modo geral, os homens têm tendência a cometer mais erros do que as mulheres.

3.2. Discussão

A criatividade surgiu no presente estudo como variável de interesse, trazendo um contributo inovador ao contexto forense. O principal objetivo foi averiguar se esta variável apresentava influências nos erros de memória e na construção de FM.

De modo a avaliar a criatividade, Wechsler (2006) desenvolveu a Escala de Estilos de Pensar e Criar, composta por cinco fatores, tal como apresentámos ao longo desta dissertação. Os três primeiros foram caracterizados como principais por apresentarem um maior índice de precisão e, os dois últimos caracterizados como secundários. Através dos

dados obtidos nas análises realizadas, Wechsler constatou que um sujeito pode apresentar mais do que um estilo, sendo que a interpretação destes deve ter em atenção as áreas mais fortes e fracas de cada sujeito. Assim, pode concluir-se que as pessoas criativas não apresentam estilos puros de pensamento ou comportamento, mas sim tendências de agir e de refletir (Nakano et al., 2010).

De acordo com a literatura, pessoas mais criativas apresentam um maior fluxo de ideias, mais imaginação e fantasia, entre muitos outros fatores (e.g., Alencar & Fleith, 2003; Stenberg, 2006). Assim, seria de esperar que a criatividade tornasse os sujeitos mais suscetíveis a recriar um evento presenciado, acrescentando ou diminuindo informação. Contudo, os nossos resultados não corroboram esta hipótese. A criatividade parece não influenciar a quantidade de informação recordada e a construção de FM, tendo-se verificado apenas um efeito marginalmente significativo entre o género e os detalhes periféricos no fator 5 – lógico/objetivo. Ou seja, os participantes com pontuações mais elevadas neste fator são sujeitos racionais que dão preferência a tarefas estruturadas e baseadas em factos (e.g., Almeida & Nogueira, 2016), tendo sido os que recordaram mais detalhes periféricos.

Atendendo a que os participantes apresentaram cotações muito elevadas na escala da criatividade (em média 190 pontos), seria de esperar que estes tivessem tido melhores desempenhos. Contudo, o desempenho geral dos sujeitos foi muito fraco (comparativamente com a nossa matriz). Por conseguinte, não construíram FM porque os próprios detalhes fornecidos foram escassos.

Usualmente, eventos emocionais/crime são considerados situações que desencadeiam stresse na testemunha/vítima (e.g., Lindsay et al., 2007). Os resultados obtidos no presente estudo corroboram esta afirmação, pois na condição crime verificam-se diferenças significativas entre o stresse inicial e o stresse pós-filme e, consequentemente, entre o stresse inicial e o stresse final. Em contrapartida, na condição neutra, verificou-se uma diminuição entre os níveis de stresse inicial e final, querendo isto dizer que os eventos neutros tiveram propensão para diminuir os níveis de stresse dos participantes ao longo da tarefa, não se verificando oscilações significativas no decorrer da mesma.

De igual modo, a ansiedade também pode advir de eventos emocionais testemunhados ou vivenciados por um sujeito (Lindsay et al., 2007). Tal facto verifica-se para a ansiedade-estado, pois esta revela influências nos nossos resultados, corroborando a linha de estudos que defende que este construto é um estado emocional transitório (e.g., Baptista, Carvalho, & Lory, 2005). Na condição crime verifica-se um aumento entre ansiedade-estado

inicial e ansiedade-estado final, levando a assumir que os filmes de crime despoletaram ansiedade nos sujeitos. Já na condição neutra, não se verificaram quaisquer diferenças, pelo que eventos neutros não provocam alteração nos níveis de ansiedade dos sujeitos. Em relação à ansiedade-traço, não houve qualquer influência desta variável nos resultados, o que pode ser justificado pelo facto de se tratar de um construto psicológico relativamente estável no tempo e permanente nos sujeitos (e.g., Caci, Baylé, Dossios, Robert, & Boyer, 2003; Telles-Correia & Barbosa, 2009), não sendo, por isso, suscetível a alterações maiores no decorrer desta tarefa experimental.

Relativamente ao efeito do stresse e da ansiedade na memória, na literatura os resultados permanecem inconclusivos, pois os estudos desenvolvidos na área são contraditórios. Uma série de investigações sugere que elevados níveis de stresse e ansiedade afetam a memória, pois restringem os processos atencionais na codificação, impedindo a consolidação de informação nova (e.g., Deffenbacher et al., 2004; Lindsay et al., 2007; Morgan et al., 2007; Pozzulo et al., 2008). Em contrapartida, outros estudos sugerem que o stresse e a ansiedade podem aumentar a memória das testemunhas/vítimas, pelo menos para detalhes centrais (Burke, Heuer, & Reisberg, 1992). Os resultados do nosso estudo sugerem que estas variáveis não têm interferência nos erros de memória e na criação de FM, indo ao encontro da literatura que sugere que o stresse e a ansiedade não têm efeitos negativos na recordação (Bohannon & Symons, 1992; Heuer & Reisberg, 1992; Pozzulo et al., 2008).

No que diz respeito às descrições das testemunhas/vítimas (tarefa de evocação livre), estas têm demonstrado ser um importante elemento na investigação de qualquer crime. Embora sejam muitas vezes explícitas, tendem a ser incompletas, especificamente em relação aos detalhes críticos do evento (Lindsay et al., 2007). Neste sentido foi realizada uma matriz como base de comparação para a quantidade de detalhes centrais e periféricos que os participantes deram na TEL. Para os detalhes centrais, os resultados obtidos permitiram concluir que os participantes, nas duas condições, foram bastante limitados quando à descrição de detalhes, comparativamente à matriz de base. Em relação aos detalhes periféricos não se verificaram diferenças consideráveis entre as respostas dos participantes e a nossa matriz, o que nos indica que foram lembrados mais detalhes periféricos (relacionados com o ambiente circundante) do que detalhes centrais, o que vai ao encontro da literatura referida anteriormente de que os detalhes críticos do evento são, geralmente, pouco precisos e incompletos (Lindsay et al., 2007).

Mais especificamente em relação aos detalhes recordados por uma testemunha/vítima sobre um determinado evento, tem-se demonstrado que o tipo de evento pode conduzir a melhores ou piores desempenhos por parte do sujeito. Ou seja, eventos com maior carga emocional (e.g., crime) levam o sujeito a recordar melhor detalhes centrais (diretamente relacionados com o ofensor), sendo que em eventos que não possuam carga emocional, os sujeitos recordam melhor detalhes periféricos (relativos ao cenário/ambiente em que decorreu o evento (e.g., Easterbrook, 1959; Yegiyan & Lang, 2010; Saraiva et al., 2015).

Como já foi referido, a memória tem um papel seletivo (Schacter, 1999). Assim, perante um evento emocional, a memória melhora o reconhecimento dos elementos centrais, inibindo a recordação de detalhes periféricos (e.g., Pinto, 1998). Tal acontecimento deve-se ao facto de que o número de interações entre a memória e o tipo de informação recordada, depende da fixação do olhar do sujeito, ou seja, se está no centro ou na periferia. Assim, os sujeitos estão mais propensos a fixar o olhar nos detalhes centrais de eventos emocionais do que em eventos neutros (Sousa, 2013). Os resultados corroboram esta hipótese, pois na condição crime, os participantes recordaram um maior número de detalhes centrais e na condição neutra verificou-se um maior número de detalhes periféricos recordados.

O papel do género na precisão de detalhes recordados difere consoante os sujeitos registem informação central ou periférica (Saraiva et al., 2015), ou seja, para desempenhar as mesmas funções cognitivas, as mulheres e os homens empregam estratégias diferentes (Rolnik, 2005). No processamento da memória, o sexo feminino recorre de forma mais significativa às partes anteriores do cérebro; já no sexo masculino, o processamento é feito através de esquemas mais simples (Gomes, 2012). De uma forma geral, Rolnik (2005) sugere que as mulheres prestam mais atenção ao conteúdo da informação e os homens retêm as informações gerais de um determinado evento. Já Rennie (2002) demonstra que as mulheres têm mais propensão para recordar detalhes relativos a características do ofensor (e.g., roupa) e os homens recordam com mais facilidade as partes faciais. Na condição crime, os resultados do nosso estudo não mostraram diferenças significativas entre géneros. Em contrapartida, na condição neutra verificou-se que as mulheres recordaram mais detalhes periféricos do que os homens, pelo que os resultados da investigação confirmam a literatura (Saraiva et al., 2015).

Para obter mais informações sobre um determinado crime, os investigadores fazem perguntas de diferentes tipos à testemunha/vítima. Por exemplo, podem utilizar perguntas fechadas e mais específicas (“Lembra-se da cor da camisola do ofensor?”); podem tentar confirmar informações que receberam sobre o ofensor, através de detalhes mais específicos

(“O homem tinha cabelo castanho e olhos azuis?”); ou, podem incluir essas informações no contexto de outro detalhe (“O homem com cabelo castanho e olhos azuis tinha calças de ganga?”) (Lindsay et al., 2007). Os resultados do estudo realizado por Lipton (1977) revelaram que a precisão das declarações das testemunhas é tanto maior quanto mais livres forem as questões (e.g., “O que aconteceu?”). Contudo, a delimitação das perguntas aumenta os factos recordados (Pinto, 1986).

No presente estudo, os participantes tinham de responder a seis perguntas de resposta fechada (“sim”, “não” ou “não sei”) sobre o filme que visualizaram, sendo uma delas uma questão-chave com informação enganosa (indutora de erros de memória) e as restantes cinco questões sem informação enganosa. Em tarefas de reconhecimento, a presença de itens distratores, neste caso, a presença de informações enganosas, podem conduzir a erros de memória, uma vez que os sujeitos podem incorporar essas informações nas memórias que têm acerca do evento (Sousa & Albuquerque, 2006).

Clarificando, tanto os erros mnésicos como as FM podem ser produzidas pelo próprio sujeito (espontâneos) ou podem surgir como resultado de fatores externos (induzidos) (e.g., Reyna & Lloyd, 1997; Sene, Lopes, & Rossini, 2014).

Mais especificamente em relação aos questionários dos filmes, os primeiros resultados mostram-nos quais as questões que apresentaram uma maior percentagem de erros. Ao contrário do que seria esperado, as questões que continham informação enganosa, de modo a induzir erros nos participantes foram aquelas que apresentaram menores percentagens de erros, exceto no filme 2, onde quatro das respostas apresentaram o mesmo número de erros que a questão enganosa. Assim observámos um maior número de erros espontâneos, resultantes de distorções internas dos participantes, do que erros induzidos, advindos das informações enganosas. Estes resultados podem ser explicados pelo facto de que, a maioria dos participantes, não fez uma codificação eficaz e o correto armazenamento das informações dos filmes (Marche et al., 2010; Rocha, 2015). De um modo geral, observaram-se percentagens mais elevadas de erros na condição crime, comparativamente à condição neutra, o que nos leva a concluir que o tipo de evento tem influência na construção de FM. Mais especificamente, a emocionalidade do evento, diminui a precisão da memória (Brust & Stein, 2010).

Além das respostas “Sim” e “Não” que os participantes podiam dar nos questionários, existia também a opção “Não sei”. Esta resposta dá oportunidade aos sujeitos de não darem uma resposta errada (i.e., um falso positivo), pois os “não sei’s” não são

considerados erros. Em contexto real, o mesmo pode acontecer quando uma testemunha não está certa de uma resposta, pois uma informação incorreta poderá ter graves consequências no processo judicial. Por exemplo, se uma testemunha fizer uma incorreta recordação do crime ou uma errada identificação do ofensor, pode conduzir à condenação de pessoas inocentes (e.g., Alho, 2011).

Ao nível da memória, uma revisão de estudos de Loftus e colaboradores (1987) defende que nenhum dos géneros tem melhor memória que o outro, embora vários investigadores se debrucem sobre esta afirmação. Os nossos resultados na condição crime para as questões-chave mostraram que os homens deram mais erros (induzidos) do que as mulheres, que parecem ser mais fidedignas e apresentam melhor memória (Pessoa, 1913). Na condição neutra, não se verificaram diferenças entre géneros. Para as questões sem informações enganosas, não se verificaram diferenças entre géneros, tanto na condição crime como na condição neutra. Estes resultados permitem-nos concluir que o tipo de evento apresenta influências na memória dos sujeitos, sendo que os homens apresentaram desempenhos de memória mais baixos em comparação com as mulheres (Pessoa, 1913).

Tal como referido na revisão da literatura, a fiabilidade do testemunho pode ser afetada por variáveis do sistema ou variáveis estimadoras (e.g., Deffenbacher et al., 2008). Uma das variáveis que está fora do controlo do sistema judicial é o IR, intervalo decorrido entre um evento e a recuperação da memória do mesmo (Pinto, 2012), neste caso, é o intervalo de tempo decorrido entre a apresentação do filme e a recuperação da informação. No nosso estudo optámos por um IR de quinze minutos, isto porque o aumento do IR tende a modificar a qualidade emocional dos eventos recordados, i.e., com o passar do tempo, um evento emocionalmente negativo vai ser recordado como menos negativo do que era originalmente (Ahola, 2012). De acordo com esta noção e tendo em conta que o IR de quinze minutos fez os participantes terem fracos desempenhos, se o IR tivesse sido mais longo, os sujeitos apresentariam desempenhos ainda mais baixos e, conseqüentemente iriam ter dificuldades em recordar o evento e a sua tonalidade emocional. Contudo, sugere-se que esta variável seja explorada e manipulada, usando o nosso procedimento experimental.

Do mesmo modo que surgem limitações na maioria dos estudos experimentais, também neste projeto existiram algumas limitações, tornando-se fundamentais, na medida em que permitem melhorar procedimentos para a realização de estudos futuros. Algumas dessas limitações são apresentadas a seguir.

Uma das limitações práticas deste estudo refere-se à nossa amostra de conveniência composta por 80 estudantes universitários. O principal inconveniente é a falta de representatividade da população, pelo que seria interessante utilizar amostras maiores verificando se haveria influências nos resultados. Relativamente à metodologia do nosso estudo e à variável de interesse, apenas utilizámos uma escala da criatividade. É fundamental conhecer e explorar outras medidas mais precisas e completas de criatividade.

Outra limitação prende-se à tonalidade emocional dos filmes. A literatura sugere que assistir a um crime real é muito diferente de assistir a um crime através de um filme (Pozzulo et al., 2008). Testemunhar um crime em contexto real apresenta uma tonalidade muito intensa, onde o medo pode estar presente. Em contrapartida, filmes de crime não geram o mesmo grau de ameaça pessoal, logo não induzem o mesmo nível de ativação emocional (Penrod, Fulero, & Cutler, 1995). É certo que as experiências laboratoriais comprometem a validade ecológica (Ihlebak, Løve, Eilertsen, & Magnussen, 2003), contudo, seria eticamente questionável sujeitar os participantes a um crime em contexto real, que geralmente envolve grandes níveis de violência, podendo despoletar elevados níveis de stresse e de ansiedade. Embora tenhamos realizado uma experiência laboratorial, os nossos resultados mostraram diferenças significativas de stresse e de ansiedade na experiência emocional, o que nos permite concluir que os vídeos de crime induziram emoções negativas nos sujeitos. Neste âmbito, seria interessante realizar estudos de realidade virtual, onde os sujeitos possam ser expostos a crimes reais.

Em relação aos níveis de stresse e ansiedade não foram feitos registos psicofisiológicos, sendo que a avaliação dos níveis foi realizada somente através de escalas subjetivas, onde a perceção que os participantes têm relativamente ao nível de stresse e de ansiedade pode não corresponder à realidade. À semelhança do que acontece em estudos de testemunho ocular (e.g., Valentine & Mesout, 2009), devem fazer-se registos psicofisiológicos enquanto se induz stresse aos participantes, permitindo a obtenção de dados mais objetivos, algo a ser considerado em estudos futuros.

Conclusão

A Psicologia do Testemunho surge como tentativa de alcançar a verdade em meio judicial (Ferreira, 2016). Neste âmbito, o estudo dos erros mnésicos e das FM possui particular relevância, na medida em que podem influenciar a prova testemunhal de um sujeito, na reconstituição de eventos e na identificação de suspeitos. Assim, importa averiguar quais os fatores que podem conduzir a erros e FM, por exemplo os níveis de stresse e de ansiedade que resultam de um evento, o tipo de evento a que são expostos os sujeitos e as diferenças de género na evocação de informação relativa ao evento específico. Acresce ainda como variável que pode ter influência, mas que não se encontra explorada na literatura, a criatividade, tendo sido o foco da presente investigação.

Os nossos resultados mostram que a criatividade parece não ter influência na construção de FM. Porém, o presente estudo exploratório possui um carácter inovador que pretende contribuir para uma área promissora e ainda pouco explorada. O facto de os resultados não terem corroborado a nossa hipótese, não significa que esta variável não tenha influência no contexto forense. Assim, é fundamental a realização de novos estudos onde a variável possa continuar a ser estudada neste contexto. Existem algumas limitações inerentes aos instrumentos utilizados para avaliar tanto a criatividade como os estilos de pensar e criar. Assim, é crucial recorrer a medidas mais precisas e completas, que não levantem questões quanto à sua natureza e à desejabilidade social.

Em relação ao stresse e à ansiedade, os resultados não corroboram a hipótese de que estes fatores têm influência nos erros de memória e na criação de FM. Já o género e o tipo de evento são fatores que apresentam influências nos erros mnésicos e nas FM.

Além das variáveis estudadas, outras tantas podem ter interferência neste contexto, pelo que é fundamental desenvolver novos estudos com novas variáveis, de modo a prevenir que o fenómeno das FM tenha efeitos negativos nas provas testemunhais dos sujeitos. Outra das potencialidades para estudos futuros é a utilização de variáveis em contextos mais ecológicos, uma vez que nestes, as pessoas embora inconscientemente, tendem a prestar mais atenção ao que está em seu redor, do que quando estão em laboratório.

De um modo geral, os resultados encontrados sugerem que novos estudos são necessários, devendo indicar de forma mais clara e precisa a relação entre as variáveis e a suscetibilidade à criação de erros de memória e de FM.

Referências

- Ahola, A. (2012). How Reliable are eyewitness memories? Effects of retention interval, violence of act, and gender stereotypes on observers' judgements of their own memory regarding witnessed act and perpetrator. *Psychology, Crime and Law*, 18(5), 491-503.
- Alencar, E., & Fleith, D. (2003). Contribuições Teóricas Recentes ao Estudo da Criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(1), 001-008.
- Alencar, E. (2007). Criatividade no Contexto Educacional: Três Décadas de Pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(especial), 045-04.
- Alho, L. (2011). *Reconhecimento de odores corporais em situações de crime*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Alho, L., Soares, S., Ferreira, J., Rocha, M., Silva, C., & Olsson, M. (2014). Nosewitness Identification: Effects of Negative Emotion. *PLoS ONE* 10(1). doi:10.1371/journal.pone.0116706.
- Alho, L., Soares, S., Costa, L., Pinto, E., Ferreira, J., Sorjonen, K., Silva, C., & Olsson, M. (2016). Nosewitness Identification: Effects of Lineup Size and Retention Interval. *Frontiers in Psychology*, 7(713). doi: 10.3389/fpsyg.2016.00713.
- Alho, L. (2016). *Olfato e Crime: Implicações do Reconhecimento de Odores Corporais na Psicologia Forense*. Tese de Doutoramento apresentada na Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Almeida, L., & Nogueira, S. (2016). Criatividade e Estilos de Pensar e Criar em Futuros Gestores Músicos e Arquitetos. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 33(3), 477-488. Acedido em Dezembro de 2016, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02752016000300011>.
- Alves, C., & Lopes, E. (2007). Falsas Memórias: Questões Teórico-Metodológicas. *American Psychological Society*, 9(4). Department of Psychology. Washington University, St. Louis, Missouri.
- Ávila, L., & Stein, L. (2006). A Influência do Traço de Personalidade Neuroticismo na Suscetibilidade às Falsas Memórias. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(3), 339-346.
- Bahia, S. (2007). Quadros que compõem a criatividade: Uma análise do teste de Torrance. *Sobredotação*, 8, 91-120.
- Baptista, A., Carvalho, M., & Lory, F. (2005). O medo, a ansiedade e as suas perturbações. *Revista de Psicologia*, 19(1/2), 266-277.

- Barbosa, M., Brust-Renck, P., & Stein, L. (2014). O papel do Alerta nas Memórias Verdadeiras e falsas para informações centrais e periféricas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(1), 100-109.
- Bodner, G., Musch, E., & Azad, T. (2009). Reevaluating the Potency of the Memory Conformity Effect. *Memory & Cognition*, 37(8), 1069-1076. doi: 10.3758/MC.37.8.1069.
- Bohannon, J., & Symons, V. (1992). Flashbulb memories: Confidence, consistency, and quantity. In E. Winograd e U. Neisser (Eds.), *Affect and accuracy in recall: Studies of "flashbulb" memories* (pp. 65-91). New York: Cambridge University Press.
- Brewer, N., & Wells, G. (2006). The confidence-accuracy relationship in eyewitness accuracy: Effects of lineup instructions, foil similarity, and target-absent base rates. *Journal of Experimental Psychology: Applied*, 12, 11-30. doi: 10.1037/1076-898X.12.1.11.
- Brewer, N., & Wells, G. (2011). Eyewitness identification. *Current Directions in Psychological Science*, 20(1), 24-27. doi: 10.1177/0963721410389169.
- Brust, P., & Stein, L. (2012). Memória para eventos emocionais: o papel do momento da testagem e do tipo de teste. *Universitas Psychologica*, 11(2), 79-90.
- Buckout, R. (1974). Eyewitness testimony. *Scientific American*, 231 (6), 23-31.
- Buckout, R. (1980). Nearly 2,000 witnesses can be wrong. *Bulletin of the Psychonomic Society*, 16(4), 307-310.
- Burke, A., Heuer, F., & Reisberg, D. (1992). Remembering emotional events. *Memory & Cognition*, 20(3), 277-290.
- Caci, H., Baylé, F., Dossios, C., Robert, P., & Boyer, P. (2003). The Spielberg trait anxiety measures more than anxiety [versão eletrônica]. *European Psychiatry*, 18, 394-400.
- Cahill, L. (2003). Sex-related influences on the neurobiology of emotionally influenced memory. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 985, 163-173.
- Callegaro, M. (2005). A Construção de Falsas Memórias. *Neurociências*, 2(3). Instituto Catarinense de Terapia Cognitiva.
- Christianson, S. (1992). Emotional stress and eyewitness memory: A critical review. *Psychological Bulletin*, 112, 284-309.
- Clarke, C., & Milne, R. (2001). *A national evaluation of the PEACE Investigative Interviewing Course*. London: Home office.

- Clarkson, A. (2005). Educating the Creative Imagination: A course design and its consequences. *Jung: the e-Journal of the Jungian Society for Scholarly Studies*, 1(2). Acedido em Dezembro de 2016, a partir de <http://www.thejungiansociety.org/Jung%20Society/ejournal/Volume-1/Clakson-2005.html>.
- Clifford, B., & Bull, R. (1978). The psychology of person identification. London: Routledge & Kegan Paul.
- Clifford, B., & Hollin, C. (1981). Effects of the type of incidente and the number of perpetrators on eyewitness memory. *Journal of Applied Psychology*, 66, 364-370.
- Crowder, R. (2014). *Principles of learning and memory: Classic edition*. Psychology Press.
- Deffenbacher, K., Bornstein, B., McGorty, E., & Penrod, S. (2008). Forgetting the once-seen face: estimating the strength of an eyewitness's memory representation. *Journal of Experimental Psychology: Applied*, 14(2), 139. doi: 10.1037/1076-898X.14.2.139.
- Deffenbacher, K., Bornstein, B., Penrod, S., & McGorty, E. (2004) A meta-analytic review of the effects of high stress on eyewitness memory. *Law and Human Behavior*, 28, 687–706. doi: 10.1007/s10979-004-0565-x.
- Dias, A., & Moura, K. (2007). Criatividade na rede: a potencialização de ideias criativas em ambientes hipertextuais de aprendizagem. *Ciências & Cognição*, 12, 62-71.
- Easterbrook, J. (1959). The effect of emotion on cue utilization and the organization of behavior. *Psychological Review*, 66, 183–201. doi: 10.1037/h0047707.
- Eck, M., & Thoftne, A. (2008). Memory conformity and Eyewitness Testimony. *Journal of Undergraduate Research*, XI.
- Eysenck, M. (2014). *Anxiety and cognition: A unified theory*. Psychology Press.
- Fasko, D. (2001). Education and Creativity. *Creativity Research Journal*, 13(3), 317- 327. Acedido em Dezembro de 2016, a partir de http://www.ou.edu/cls/online/lstd3313/pdfs/educ_creativity.pdf.
- Ferreira, B. (2016). *Psicologia do Testemunho: Nos trilhos da mentira em busca da verdade*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Frenda, S., Patihis, L., Loftus, E., Lewis, H., & Fenn, K. (2014). Sleep Deprivation and False Memorie. *Psychological Science*, 25(9), 1674 –1681. doi: 10.1177/0956797614534694.

- Fundinho, J. (2014). *A confiança em testemunhas: o papel das variáveis individuais*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade do Minho, Minho.
- Garcês, S. (2011). *Escala de Estilos de Pensar e Criar – Adaptação e Validação à População Portuguesa*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade da Madeira, Madeira.
- Gleaves, D., Smith, S., Butler, L., & Spiegel, D. (2004). False and recovered memories in the laboratory and clinic: A review of experimental and clinical evidence. *Clinical Psychology: Science & Practice*, 11(1), 3-28.
- Godoy, S., & Noronha, F. (2010). Interesse Profissional e Estilos de Pensar e Criar em Estudantes de Psicologia. *Boletim de Psicologia*, LIX (131), 191-207.
- Gomes, J., Rodrigues, A., & Veloso, A. (2016). Regresso às Origens: A importância do Indivíduo na Criatividade nas Organizações. *RAC, Rio de Janeiro*, 20(5), 568-589.
- Gomez, J. (2007). What Do We Know About Creativity? *The Journal of Effective Teaching*, 7(1), 31-43. University of Alabama at Tuscaloosa, Alabama.
- Gomes, V. (2012). *A psicologia cognitiva em meios judiciais: o empoderamento da justiça portuguesa*. Projeto de Graduação apresentado na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Gonçalves, R. (2012). A Psicologia da Justiça em Portugal: Uma viagem partilhada com Carla Machado. *Análise Psicológica*, XXX (1-2): 7-13.
- Guilford, J. (1967). Creativity: Yesterday, today, and tomorrow. *Journal of Creative Behavior*, 1(1), 3-14.
- Hennessey, B., & Amabile, T. (2010). Creativity. *Annual Review of Psychology*, 61, 569-598. doi: 10.1146/annurev.psych.093008.100416.
- Heuer, F., & Reisberg, D. (1992). Emotion, arousal and memory for detail. In S.A. Christianson (Ed.), *Handbook of emotion and memory* (pp. 151-180). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Hyman, I. E., & Pentland, J. (1996). The role of mental imagery in the creation of false childhood memories. *Journal of Memory & Language*, 35(2), 101-117.
- Houston, K. A., Clifford, B. R., Phillips, L. H., & Memon, A. (2013). The emotional eyewitness: The effects of emotion on specific aspects of eyewitness recall and recognition performance. *Emotion*, 13, 118–128. doi: 10.1037/a0029220.
- Ihlebak, C., Løve, T., Eilertsen, D., & Magnussen, S. (2003). Memory for a staged criminal event witnessed live and on video. *Memory*, 11(3), 319-327.

- Júnior, C., & Faria, N. (2015). Memória. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 28(4), 780-788. doi: 10.1590/1678-7153.201528416.
- Kaplan, R., Damme, I., Levine, L., & Loftus, E. (2016). Emotion and False Memory. *Emotion Review*, 8(1), 8-13. doi: 10.1177/1754073915601228.
- Kertzman, S., Aladjem, Z., Milo, R., Ben-Nanhum, Z., Birger, M., Grispan, H., Weizman, A., & Kotler, M. (2004). The Utility of the Visual Analogue Scale for the Assessment of Depressive Mood in Cognitively impaired Patients. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 19, 789-796. doi: 10.1002/gps. 1141.
- Lindsay, R., Ross, D., Read, J., & Toglia, M. (2007). *Handbook of Eyewitness Psychology*. Volume II.
- Loftus, E. (1971). Comparison of recognition and recall in a continuous memory task. *Journal of Experimental Psychology*, 91(2), 220-226. doi: 10.1037/h0031841.
- Loftus, E., & Palmer, J. (1974). Reconstruction of automobile destruction: An example of the interaction between language and memory. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 13(5), 585-589. doi: 10.1016/S0022-5371(74)80011-3.
- Loftus, E. (1979). *Eyewitness testimony*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Loftus, E., Banaji, M., Schooler, J., & Foster, A. (1987). Who remembers what? Gender differences in memory. *Michigan Quarterly Review*, 64-85.
- Loftus, E., & Pickrell, J. (1995). The Formation of False Memories. *Psychiatric Annals*, 25, 720-725.
- Loftus, E. (1997a). Creating childhood memories. *Applied Cognitive Psychology*, 11, S75-S86. doi:10.1002/(SICI)1099-0720(199712)11:7<S75::AID-ACP514>3.CO;2-F.
- Loftus, E. (1997b). Creating False Memories. *Scientific American*, 277(3), 70-75. doi: 10.1038/scientificamerican0997-70.
- Loftus, E. (1999). Lost in the mall: Misrepresentations and misunderstandings. *Ethics & Behavior*, 9(1), 51-60.
- Loftus, E. (2005). Planting misinformation in the human mind: A 30-year investigation of the malleability of memory.
- Louro, M. (2008). *Psicologia das motivações jurídicas do sentenciar: A emergência do saber em detrimento do poder*. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Luna, k., & Migueles, M. (2009). Acceptance and Confidence of central and peripheral misinformation. *The Spanish Journal of Psychology*, 12(2), 405-413.

- Marche, T., Brainerd, C., & Reyna, V. (2010). Distinguishing true from false memories in forensic contexts: can phenomenology tell us what is real?. *Applied Cognitive Psychology*, 24(8), 1168-1182.
- McDermott, K., & Roediger, H. (2016). Memory (Encoding, Storage, Retrieval). *Noba textbook series: Psychology*. Champaign, IL: DEF publishers. doi: <https://doi.org/noba-project.com>.
- Morais, M., & Azevedo, I. (2009). Avaliação da Criatividade como um Contexto Delicado: Revisão de Metodologias e Problemáticas. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 1-15.
- Morgan, C., Hazlett, G., Baranoski, M., Doran, A., Southwick, S., & Loftus, E. (2007). Accuracy of eyewitness identification is significantly associated with performance on a standardized test of face recognition. *International Journal of Law and Psychiatry*, 30, 213–223. doi:10.1016/j.ijlp.2007.03.005.
- Nakano, T., Santos, E., Zavariz, S., Wechsler, S., & Martins, E. (2010). Estilos de pensar e criar em universitários das áreas de humanas e sociais aplicadas: diferenças por género e curso. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(3), 120-134.
- Neufeld, C., Brust-Renck, P., Rocha, A., Sossella, M., & Rosa, F. (2013). Falsas Memórias e Diferenças Individuais: Um Estudo sobre Fatores de Personalidade e Qualidade da Memória. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(2), 319-326.
- Oliveira, R. (2012). *Um Programa de Treino da Criatividade. Estudo Exploratório com alunos do 1º Ciclo*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade da Madeira, Madeira.
- Oliveira, Z. (2010a). O elo entre a educação, o desenvolvimento sustentável e a criatividade. *Revista iberoamericana de Educación*, 51(3), 1-10.
- Oliveira, Z. (2010b). Fatores influentes no Desenvolvimento do Potencial Criativo. *Estudos de Psicologia*, 27(1), 83-92.
- Passos, P. (2014). *Da Justiça à Psicologia Forense*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Penrod, S., Fulero, S., & Cutler, B. (1995). Expert psychological testimony on eyewitness reliability before and after Daubert: The state of the law and the science. *Behavioral Sciences & the Law*, 13(2), 229-259. doi: 10.1002/bsl.2370130206.
- Pessoa, A. (1913). *Estudo de Psicologia Judiciária*, Coimbra, França e Arménio, Livreros Editores, 23.

- Pinto, A. (1992). Sílvia Lima (1928): Primeira tese portuguesa de doutoramento em psicologia. *Jornal de Psicologia*, 11(1-2), 40-41.
- Pinto, A. C. (1986). Uma análise experimental sobre a credibilidade das identificações efectuadas por testemunhas oculares. *Revista de Investigação Criminal*, 21, 67-72.
- Pinto, A. (1998). O impacto das emoções na memória: Alguns temas em análise. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2(2), 215-240.
- Pinto, E. (2012). *Efeito do Intervalo de Retenção no Testemunho Olfativo*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Poiares, C. (2005). Psicologia do Testemunho: Contribuição para a aproximação da verdade judicial à verdade. Comissão dos Direitos Humanos da Ordem dos Advogados – *Direitos do Homem. Dignidade e Justiça*. Lisboa: Principia: pp. 143-160.
- Pozzulo, J., Crescini, C., & Panton, T. (2008). Does methodology matter in eyewitness identification research? The effect of live versus video exposure on eyewitness identification accuracy. *International Journal of Law and Psychiatry*, 31(5), 430-437. doi:10.1016/j.ijlp.2008.08.006.
- Ramirez, S., Liu, X., Lin, P., Suh, J., Pignatelli, M., Redondo, R., Ryan, T., & Tonegawa, S. (2013). Creating a False memory in the hippocampus. *SCIENCE*, 341. doi: 10.1126/science.1239073.
- Rato, I. (2009). *A Pessoa Criativa. Perspetivas em Saúde Mental*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Reis, M. (2014). *A Memória do Testemunho e a Influência das Emoções na Recolha e Preservação da Prova*. Tese de Doutoramento em Ciências e Tecnologias da Saúde. Universidade de Lisboa.
- Reis, M., & Horta, M. (2015). O Papel das Emoções na Relação Confiança-Exatidão do Testemunho. *Psicologia USP*, 26(2), 231-239. Acedido em Dezembro de 2016, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140003>.
- Rennie, E. (2002). *Exploring the influence of gender and post-event information on memory for suspects*. Master's Dissertation presented at University of British, Columbia.
- Reyna, F., & Lloyd, F. (1997). Theories of false memory in children and adults. *Learning and Individual Differences*, 9, 95-123.
- Ribas, C. (2011). *A Credibilidade do Testemunho. A verdade e a mentira em tribunal*. Dissertação de Mestrado apresentada no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto.

- Ribeiro, J., & Marques, T. (2009). A avaliação do stresse: a propósito de um estudo de adaptação da escala de percepção de stresse. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10(2), 237-248.
- Rocha, R. (2015). *Capacidade de Testemunho do Ponto de Vista Neuropsicológico: Estudo Comparativo entre uma amostra de jovens adultos e seniores*. Dissertação de Mestrado apresentada no Instituto Superior de Ciências da Saúde, Gandra.
- Rodrigues, E., & Albuquerque, P. (2007). Produção de memórias falsas com listas de associados: análise do efeito do nível de processamento e da natureza da prova de memória. *Psicologia USP*, 18(4), 113-131. doi: 10.1590/S0103-65642007000400008.
- Rodrigues, P., & Pandeirada, J. (2015). Attention and working memory in elderly: the influence of a distracting environment. *Cogn Process*, 16, 97-109. doi: 10.1007/s10339-014-0628-y.
- Roediger, H., & McDermott, K. (2000). Tricks of Memory. *American Psychological Society*, 9(4). Department of Psychology, Washington University, St. Louis, Missouri.
- Rolnik, A. (2005). Nem melhor, nem pior: apenas diferentes. *Ciências & Cognição*, 6, 148-149.
- Runco, M. (2004). Creativity. *Annual Review of Psychology*, 55, 657-687. doi: 10.1146/annurev.psych.55.090902.141502.
- Santos, M. (2010). *Criatividade e Autoconceito. Um estudo Exploratório com Crianças do 5º ano de Escolaridade*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Santos, R., & Stein, L. (2008). A influência das emoções nas falsas memórias: uma revisão crítica. *Psicologia USP*, 19(3), 415-434. doi: 10.1590/S0103-65642008000300009.
- Saraiva, R., Iglesias, F., Micas, G., Araújo, C., Lima C., & Costa, M. (2015). Conformidade entre testemunhas oculares: efeitos de falsas memórias nos relatos criminais. *Psico-USF, Bragança Paulista*, 20(1), 87-96.
- Schacter, D. (1999). The seven sins of memory: Insights from psychology and cognitive neuroscience. *American Psychologist*, 54(3), 182-203. doi: 10.1037/0003-066X.54.3.182.
- Schacter, D., Chiao, J., & Mitchell, J. (2003). The Seven Sins of Memory. Implications for Self. Department of Psychology, Harvard University. Cambridge, Massachusetts. doi: 10.1196/annals.1279.012.

- Seabra, M. (2007). *Criatividade*. Trabalho de Licenciatura de Mestrado Integrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Coimbra. Acedido em Janeiro de 2017 a partir de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0104.pdf>.
- Sene, A., Lopes, E., & Rossini, J. (2014). Falsas memórias e tempo de reação: estudo com o procedimento de palavras associadas. *Psychologica*, 57(1).
- Shaw, J., & Porter, S. (2015). Constructing Rich False Memories of Committing Crime. *Psychological Science*, 1-11. doi: 10.1177/0956797614562862.
- Shaw, J., & Skolnick, P. (1999). Weapon Focus and Gender Differences in Eyewitness Accuracy: Arousal Versus Salience. *Journal of Applied Social Psychology*, 29(11), 2328-2341.
- Silva, D., & Spielberger, C. (2007). Manual do Inventário de Estado-Traço de Ansiedade (STAI). Consulting Psychologists Press.
- Sousa, C., & Albuquerque, P. (2006). A fiabilidade do testemunho ocular: Efeito da valência do episódio e da ordem de realização de duas tarefas mnésicas. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 11(2), 45-56.
- Sousa, L. (2013). *Prova Testemunhal*. Edições Almedina, S.A.
- Spielberger, C. (1983). Manual for the State-Trait Anxiety Inventory STAI (Form Y). *Palo Alto*: Consulting Psychologists Press.
- Stebly, N. (1992). A meta-analytic review of the weapon focus effect. *Law and Human Behavior*, 16(4), 413-424. doi: 10.1007/BF02352267.
- Sternberg, R. (2006). The Nature of Creativity. *Creativity Research Journal*, 18(1), 87- 98. Acedido em Dezembro de 2016, a partir de http://people.uncw.edu/caropresoe/GiftedFoundations/SocialEmotional/Creativity-articles/Sternberg_Nature-of-creativity.pdf.
- Telles-Correia, D. & Barbosa, A. (2009). Ansiedade e depressão em medicina – Modelos teóricos e avaliação [versão eletrónica]. *Acta Médica Portuguesa*, 22, 89-98.
- Tezci, E., Karaca, D., & Sezginsoy, B. (2008). The Study of Reliability and Validity of Creative Materials. *The Turkish Online Journal of Educational Technology*, 7(1).
- Torrance Center Portugal [TCP]. (2001). <http://www.tcportugal.org/torrance-center-portugal-criatividade-no-desenvolvimento-de-talento-bem-vindo/torrance-center/>. Acedido a 15 de Setembro, 2017 em <http://www.tcportugal.org>.

- Valentine, T., & Mesout, J. (2009). Eyewitness identification under stress in the London Dungeon. *Applied Cognitive Psychology*, 23(2), 151-161. doi: 10.1002/acp.1463.
- Vaz, A. (2009). *Ansiedade, Stresse, Depressão e Lapsos de Memória*. Dissertação de Mestrado apresentada no Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Wallach, M., & Kogan, N. (1965). *Modes of thinking in young children*. New York: Holt Rinehart and Winston. *American Educational Research Journal*, 3(4), 305-309.
- Wechsler, S. (2006). Validity of the Torrance Tests of Creative Thinking to the Brazilian Culture. *Creativity Research Journal*, 18, 15-25. doi: 10.1207/s15326934crj1801_3.
- Wells, G., & Loftus, E. (2003). Eyewitness memory for people and events. In A. M. Goldstein (Ed.), *Handbook of psychology: Forensic Psychology* (pp. 149 –160). New York: Wiley.
- Wells, C., & Olson, E. (2003). Eyewitness testimony. *Annual Review Psychology*, 54, 277-295.
- Wolf, O., Atsak, P., Quervain, D., Roozendaal, B., & Wingenfeld, K. (2016). Stress and memory: a selective review on recent developments in the understanding of stress hormone effects on memory and their clinical relevance. *Journal of neuroendocrinology*, 28(8).
- Yeghyan, N., & Lang, A. (2010). Processing Central and Peripheral Detail: How Content Arousal and Emotional Tone Influence Encoding. *Media Psychology*, 13, 77-99. doi: 10.1080/15213260903563014.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Questionário Filme 1

Instruções iniciais: O participante deve responder “Sim”, “Não” ou “Não sei”

ID: _____

1. O ofensor usava arma de fogo?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

2. A vítima tinha cabelo loiro?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

3. O assalto decorreu num centro comercial?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

4. A camisola do ofensor era azul-escura?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

5. A vítima tinha uma saia preta?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

6. Existia uma câmara por trás do ofensor?[#]

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

[#] “#” corresponde à questão com informação enganosa

Questionário Filme 2

Instruções iniciais: O participante deve responder “Sim”, “Não” ou “Não sei”

ID: _____

1. O carro era cinzento?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

2. A vítima era menor?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

3. O ofensor tinha uma luva numa das mãos?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

4. Existiam várias pessoas a observar a cena de violação?#

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

5. O ofensor tinha uma camisola branca?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

6. A vítima tinha cabelo castanho?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

Questionário Filme 3

Instruções iniciais: O participante deve responder “Sim”, “Não” ou “Não sei”

ID: _____

1. O homem tinha um objeto na mão?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

2. A senhora tem o cabelo loiro comprido?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

3. O casal está à beira-mar?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

4. A t-shirt do homem era verde seco?#

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

5. A senhora está com um vestido azul-escuro?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

6. Existia um cão na praia?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

Questionário Filme 4

Instruções iniciais: O participante deve responder “Sim”, “Não” ou “Não sei”

ID: _____

1. O homem tem uma máquina fotográfica a tira-colo?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

2. A mulher tem cabelo curto castanho-escuro?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

3. O homem tem um gorro cinzento?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

4. Existem quatro pessoas na cena?#

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

5. A fotógrafa tem um casaco verde?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

6. A máquina do fotógrafo é uma Canon EOS40D?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIO DE AUTO-AVALIAÇÃO

(alguns exemplos de questões)

STAI Form Y-1

INSTRUÇÕES: Em baixo tem uma série de frases que são habitualmente utilizadas para descrever pessoas. Leia cada uma delas e assinale com uma cruz (X) o algarismo que melhor indica como se SENTE NESTE MOMENTO. Não há respostas certas ou erradas. Não demore muito tempo com cada frase; responda de modo a descrever o melhor possível a maneira como se SENTE AGORA.

	Nada (1)	Um pouco (2)	Moderadamente (3)	Muito (4)
1. Sinto-me calmo(a)				
2. Sinto-me seguro(a)				
3. Estou tenso(a)				
4. Sinto-me cansado(a)				
5. Sinto-me à vontade				
10. Sinto-me confortável				
11. Sinto-me autoconfiante				
12. Sinto-me nervoso(a)				
13. Sinto-me trémulo(a)				
14. Sinto-me indeciso(a)				
15. Sinto-me descontraído(a)				
20. Sinto-me bem				

STAI Form Y-2

INSTRUÇÕES: Em baixo tem uma série de frases que são habitualmente utilizadas para descrever pessoas. Leia cada uma delas e assinale com uma cruz (X) o algarismo que melhor indica como se SENTE HABITUALMENTE. Não há respostas certas ou erradas. Não demore muito tempo com cada frase; responda de modo a descrever o melhor possível a maneira como se SENTE HABITUALMENTE.

	Nada (1)	Um pouco (2)	Moderadamente (3)	Muito (4)
21. Sinto-me bem				
22. Sinto-me nervoso(a) e agitado(a)				
23. Sinto-me satisfeito(a) comigo mesmo(a)				
24. Gostava de poder ser tão feliz quanto os outros parecem ser				
25. Sinto-me falhado(a)				
30. Estou feliz				
31. Tenho pensamentos que me perturbam				
32. Falta-me autoconfiança				
33. Sinto-me seguro(a)				
34. Tomo decisões facilmente				
35. Sinto-me inadequado(a)				
39. Sou uma pessoa firme				

ANEXO II

Visual Analogue Scale (VAS)

ID: _____

DATA: _____

HORA: _____

NÍVEIS DE STRESS

Muito stressado (10)

Nada stressado (0)

ANEXO III

Escala de Estilos de Pensar e Criar

(alguns exemplos de questões)

Esta escala apresenta uma série de afirmações que descrevem os estilos preferenciais do indivíduo pensar e/ou criar. Assinale a resposta que corresponde ao seu grau de concordância ou discordância em relação a cada uma das situações apresentadas, indicando assim o seu modo preferencial de pensar e agir. Não existem respostas certas ou erradas. Deve indicar o que gosta, pensa ou sente, na maioria das ocasiões. Não deixe respostas em branco. Indique a sua opção de acordo com os seguintes números: 1 - Discordo Totalmente; 2 – Discordo; 3 - Nem Discordo/Nem Concordo; 4 – Concordo; 5 - Concordo Totalmente

	1	2	3	4	5
1. Gosto de ideias novas					
5. Sou uma pessoa aberta a novas ideias					
9. Sou uma pessoa objetiva					
13. Encontro motivação em tudo o que faço					
17. Para tomar decisões, gosto de obter vários pontos de vista					
21. Sinto que posso contribuir para o bem-estar da minha comunidade					
25. Não me importo com os direitos humanos					
29. Tenho coragem de iniciar uma nova atividade mesmo que exista risco					
34. Recebo críticas como ajuda					
37. O meu ponto de vista é considerado o melhor de todas as discussões					
41. Sou uma pessoa espontânea					
45. As minhas ideias têm sido seguidas pelas pessoas					

ANEXO IV

Consentimento Informado

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Antes de decidir participar neste estudo, é importante que perceba as razões do mesmo e em que consistirá a sua participação. Por favor, demore o tempo que precisar a ler cuidadosamente a seguinte informação e pergunte a opinião a outras pessoas se necessitar. Pode contactar as investigadoras do estudo (Catarina Guedes e Cátia Fidalgo) ou a orientadora do mesmo (Dr.^a Laura Alho) se alguma coisa não estiver clara ou se precisar de esclarecimentos adicionais.

Objetivo do estudo

Este estudo insere-se no âmbito de Dissertação do Mestrado em Psicologia Forense. Tem como propósito perceber a influência do Stresse, Ansiedade e Criatividade na construção de Falsas Memórias.

Requisitos

Se concordar em participar, ser-lhe-á pedido que responda a um conjunto de escalas, visualize um vídeo e responda a um questionário.

Duração

A duração da experiência demorará aproximadamente 30 minutos.

Potenciais riscos

Não se prevê que a participação neste estudo ponha em risco o bem-estar psicológico e/ou físico dos/as participantes. Contudo, se considerar que alguma das questões é demasiado intrusiva ou stressante, ou lhe suscite outro tipo de preocupações, por favor sinta-se à vontade para interromper a sua participação e, caso queira, contacte as investigadoras do estudo.

O que acontecerá aos resultados do estudo?

Os dados recolhidos destinam-se única e exclusivamente para fins estatísticos, serão sempre tratados de forma conjunta e os/as participantes nunca serão identificados/as.

Voluntariado/Direito de desistir

A sua participação nesta investigação é completamente voluntária. Tem a possibilidade, por motivos éticos, de negar a sua participação ou de desistir do estudo, a qualquer momento, sempre que assim o entender.

Anonimato/Confidencialidade/Privacidade

De acordo com as normas da Comissão de Proteção de Dados, toda a informação recolhida neste estudo permanecerá completamente anónima e será tratada de forma confidencial e a sua publicação servirá apenas para fins académicos. Nenhuma das questões solicitará informação que o/a identifique.

Contacto do orientador do estudo

O orientador deste estudo é Laura Alho, professora Doutora na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e docente da Unidade Curricular de Seminário de Dissertação. Se tiver alguma dúvida acerca do estudo não hesite em contactar **Laura Alho**, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Campo Grande, 376, 1749-024 Lisboa, Email: laura.alho@ulusofona.pt, Tel.: 217515500.

Aceito participar!

☐

Muito obrigado pela sua participação!

ANEXO V

Dados Sociodemográficos

Pedimos agora que responda a algumas questões de caracterização. Visam recolher informação relativa a si, pertinente para o presente estudo. Nas perguntas com várias opções de resposta, escolha apenas uma opção, selecionando a opção correspondente.

ID: _____

Género

- ☐ Feminino
☐ Masculino

Idade: _____ anos

Estado Civil

- ☐ Solteiro
☐ Viúvo
☐ União de facto/Casado
☐ Separado/Divorciado
☐ Outra opção: _____

Qual o Estabelecimento de Ensino que frequenta?

Que curso e ano frequenta?

Tem algum problema visual?

- ☐ Sim
☐ Não

Se sim, está a ser corrigido?

- ☐ Sim
☐ Não